

O PULO DO GATO



Felinto Elízio Duarte Campelo

O Pulo do Gato

Felinto Elízio Duarte Campelo

2016

O Pulo do Gato

Felinto Elízio Duarte Campelo

Data da publicação: 29 de janeiro de 2016

CAPA: Giovani de Toledo Vecili
REVISÃO: Astolfo Olegário de Oliveira Filho
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430 Fone: 43-3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

	Campelo, Felinto Elízio Duarte.
C196p	O pulo do gato: contos / Felinto Elízio Duarte Campelo; revisão: Astolfo Olegário de Oliveira Filho, capa de Giovani de Toledo Vecili. - Londrina, PR : EVOC, 2016. 163 p.
	1. Literatura espírita-contos. 2. Literatura brasileira-contos. I. Oliveira Filho, Astolfo Olegário de. II. Vecili, Giovani de Toledo. III. Título.
	CDD 133.9 19.ed.

AGRADECIMENTO E OFERECIMENTO

A meus pais (*in memoriam*), que deram tudo de si para educar-me e instruir-me; à minha mulher, fonte de perene inspiração, a quem agradeço a compreensão pelas minhas ausências no curso de meu trabalho; a meus filhos, genros, noras e netos, a meus irmãos e cunhados, à minha sogra – meus incentivadores incondicionais; e aos amigos Damasceno, Laureci, Carlos Jorge e Ziza, que acreditaram em mim e no lado positivo desta publicação.

PERGUNTO-ME, RESPONDO-ME

Conheço-te muito bem, não tens arte para as lides literárias. Por que agora essa de andar escrevendo?

– Escrevendo modestamente, sabes, porém, aconteceu.

Como aconteceu? Não forçaste a barra?

– Acredita, não forcei. Em 1994, acompanhei minha filha Vânia ao Núcleo de Espiritismo Eurípedes Barsanulfo-NESEBA, um pequeno e simples Centro Espírita da periferia de Maceió. Fui, vi, gostei, fiquei. Instado pela companheira Laureci para participar do trabalho doutrinário, a muito custo iniciei-me na atividade, escrevendo e lendo palestras, já que não me é dada a possibilidade de falar de improviso. Como disse, aconteceu.

É, teu argumento explica, mas não justifica, pois eu sei que te aventuraste a escrever artigos. Que dizes?

– Aconteceu também do mesmo modo casual. Lá, no NESEBA, conheci o confrade Carlos Jorge Coelho de Melo, editor do jornal A LUZ, da Federação Espírita do Estado de Alagoas, que não descansou enquanto não concordei em colaborar com trabalhos de minha lavra. Assim, apareceram os artigos.

Até aí, aceitável, entretanto, como justificar tua descabida pretensão de escrever contos? Não imaginas ser um ultraje à memória de contistas famosos como Machado de Assis, Humberto de Campos e tantos outros?

– Sem dúvida, é uma afronta. Se Espírito tivesse sangue, eles estariam ruborizados de indignação. No entanto, a bem da verdade, repito, aconteceu.

Como? Alguém sugeriu, insistiu ou foi invencionice tua?

– Em minhas caminhadas matinais na orla marítima, as ideias fervilham em minha cabeça, minha mente trabalha no ritmo de minhas passadas. Sempre imaginei estórias que logo se esfumavam, caíam no esquecimento. Certa feita, passei uma delas para o papel. Mostrei-a a pessoas amigas. Incentivaram-me a continuar. Hoje, minhas estorinhas são aproveitadas por Escolinhas de Evangelização Infantojuvenil de seis Centros Espíritas. De certa forma, realizo-me. Anseio participar da tarefa de divulgação do Espiritismo.

Tu és fraco no português, deves agredir demasiadamente o vernáculo. Como te arrumas?

– Sem dúvida, agrido mesmo. Maltrato a concordância, insulto a regência, escorrego na grafia, enfim, dou um tremendo trabalho de correção às minhas irmãs Marisa e Magaly, as quais não poupam esforços no sentido de orientar-me no uso correto da língua pátria.

Sei, teus são apenas cinquenta por cento do que escreves, a outra metade é mérito das irmãs.

– É isso aí, mas vou continuar insistindo.

Ainda acho muita veleidade tua ousar publicar um livro. Queira Deus não seja um fiasco!

Maceió-Al.,

Felinto Elízio

PREFÁCIO

É a primeira vez, e certamente será a última, que sou "intimada" a prefaciar um livro.

Reconheço-me totalmente incapaz para tal empreendimento.

Aceitei-o, porém, como um desafio, pois este não é apenas mais um livro de contos, mas o livro de contos do meu querido mano Felinto.

Acompanhei o seu surgimento, a sua gestação. Li conto por conto com emoção e carinho.

Encantei-me com o ardor com que o querido irmão abriu as comportas de sua criatividade, deixando que as águas do seu talento inundassem corações e mentes de crianças e jovens, levando-os a interessar-se pelas coisas da espiritualidade.

Em cada estória narrada, ora um salmo, ora uma citação evangélica ou um ensinamento doutrinário, muito bem colocados, despertando nossa admiração pela sabedoria dos Profetas, pelo amor de Jesus, pela grandeza de Deus.

Não fala aqui o coração feliz e orgulhoso de uma irmã, mas a alma simples de alguém que, ao longo da vida, se tem esforçado para tornar-se humilde aprendiz do Evangelho.

Que outros contos venham a lume, estórias bem urdidas, cantando a Natureza, glorificando o Criador, estimulando todos nós, crianças, jovens, adultos e idosos a aprofundarmo-nos no estudo dessa doutrina bendita e

maravilhosa - o Espiritismo - que é o Consolador
prometido por Jesus.

Maceió, Al.

Marisa Campello Moeda

A BORBOLETA E O COLIBRI

Nos jardins de suntuoso palácio, vagueando entre a exuberante floração, uma vaidosa borboleta fazia-se admirada pela policromia de suas asas.

Contornava a vegetação com graciosas evoluções coreográficas, pousava delicadamente nas flores, e, entre sorrisos e piscar de olhos, borboleta e flores trocavam galanteios, faziam confidências.

De súbito, célere qual um raio, um colibri penetra o vergel. Apressurado, visita cada uma das flores e, sem rodeios, sem lhes tocar a corola, sorve-lhes o néctar, para, em seguida, alçar-se vertiginosamente ao espaço. Agastada por ver que, momentaneamente, as atenções prenderam-se ao ágil pássaro, a enciumada borboleta comentou lamuriosa:

– Veja só, meu amigo lírio, que animal insolente! Chega de forma inesperada, não cumprimenta ninguém e, como um bólido, desaparece. Eu a todas toco gentilmente, demoro-me em colóquios amistosos.

– Não se aborreça, querida falena.

Conciliatório, falou o lírio:

– O beija-flores são assim mesmo, açodados, insociáveis, têm muitos afazeres e precisam ser velozes para sobreviverem. São operários de Deus, cumprem sua tarefa no grande concerto da natureza.

– Nada disso, retrucou com enfado a borboleta, aquela desprezível avezinha furta o mel sem oferecer nenhuma retribuição. Eu, sim, colaboro com a natureza-mãe. Ao meu contato processa-se a polinização das flores e a

reprodução das espécies. Eu é que sou uma obreira do Senhor.

A papoula também se fez presente ao diálogo, argumentando com bondade:

– Tudo o que existe é criação divina, guarda a sua importância, é útil à vida. Ocorre, porém, que, às vezes, ainda não foi descoberta a serventia de determinada coisa. O colibri não é diferente, presta-nos um inestimável serviço de amor. Bebendo nosso néctar, ele retira o excesso acumulado, procedendo a uma higienização indispensável.

Nesse instante, ouviram-se gritos de susto e indignação. A borboleta havia sido capturada por um colecionador. Em segundos, mãos hábeis espetavam-na e prendiam-na a uma prancheta. Nos estertores dos últimos momentos, olhou com tristeza para suas queridas flores e, soluçante de dor e de saudade, exclamou:

– Meu Deus, se eu fosse tão rápida quanto um beija-flor, não estaria agora me despedindo do meu paraíso florido. Horas depois, a alma da borboleta transpunha o pórtico de um plano espiritual de brilhante claridade que a fez supor estar no céu. Atendida por um venerando preposto do Senhor, rogou humilde:

– Anjo, permite-me a entrada no Augusto Solar de Deus, para que possa repousar e refazer-me dos sofrimentos suportados em minha última romagem no mundo e, depois, voltar à Terra. Desejei muito conhecer outras paragens, conviver com novas flores; o mundo é grande e eu só pude perلustrar aquele parque e suas adjacências. A morte me colheu cedo. Quero renascer

beija-flor, veloz como o relâmpago, inatingível pelos inimigos.

Com um sorriso acolhedor, o anjo respondeu:

– As portas estão abertas, entra. Bem-aventurada sejas por teres vencido o despeito, a arrogância e a inveja. Todos os seres, para alcançarem a perfeição, precisam experimentar as mais diversas formas e condições de vida. Tua petição será atendida, voltarás encarnada num alegre colibri.

Assim também são os homens: invejam, criticam, difamam os seus semelhantes. Usurpam até, quando podem, os haveres dos irmãos incautos, copiam descaradamente os costumes que outrora renegaram rudemente.

Quantas reencarnações hão de necessitar através dos milênios para purgarem seus pecados, limparem-se de um passado ignominioso?

A ROSA E O CAPIM

No jardim da mansão de fidalga família, uma encantadora rosa vermelha balouçava-se tangida pela amena brisa matinal. Quem dela se aproximava, admirava-lhe o vivo escarlate da corola e o acetinado das pétalas, inebriava-se com a delicada fragrância prodigamente espargida ao seu redor.

Humilde, o capim-santo que nascera no pé do muro, enamorado pela majestosa rainha das flores, não ousava olhá-la de frente, muito menos dirigir-lhe a palavra. Ignorado pela fina sociedade que visitava o roseiral, sequer merecia a atenção dos jardineiros tão prestimosos no amanho da terra e na proteção das seletas plantas.

Com sua haste vergada por um sopro mais forte de vento, a presunçosa flor esforçou-se para aproximar-se o máximo do pobre capim e falou com escárnio:

– Ó vil capim, você sempre me olha de soslaio, como apaixonado reprimido, aproveite então a generosa concessão que lhe faço, veja-me de frente, deleite-se com a minha magistral beleza, aprecie a maciez de minhas pétalas, embriague-se com o meu aroma.

– Obrigado, senhora soberana do reino encantado das flores, pela atenção dispensada ao seu humílimo servo e admirador. Vivo dos restos de água e de adubo que escapam do abençoado alfobre onde vossa majestade resplende. Se já era feliz por me alimentar de suas sobras, sinto-me agora muito mais ditoso por tê-la visto de tão perto.

De volta à sua posição habitual, a presumida rosa insistiu em motejar o indefeso capim:

– Você é um mato sem procedência nobre. É rude, feito de folhas grosseiras, com bordas serrilhadas, fere quem as toca. Tem odor forte e desagradável. Insulta-me com sua descabida paixão. Hoje mesmo estarei livre de sua insolente presença. Serei colhida para dar maior esplendor à ornamentação do salão de festas da casa do meu amo. Estarei entronizada no jarro principal para deslumbramento dos convivas. Aqui, na obscuridade, você somente ouvirá os aplausos em homenagem à minha radiante formosura e se roerá de inveja e ciúmes.

– Quem sabe, minha rainha, se um dia nos reencontraremos?

– Nunca, irritada gritou a rosa, daqui partirei para a glorificação, enquanto você continuará ignorado por inútil que é.

Quatro dias se passaram após a memorável festa. A rosa que polarizara todas as atenções e encômios estava desbotada, meio despetalada, perdera o fulgor.

A dona da casa, sentindo-se adoentada, chamou sua aia, resmungando contrafeita:

– Joana, doem-me o estômago e a cabeça, tenho tonturas, as náuseas são insuportáveis. Quero um remédio.

Zelosa, a empregada que antes havia percebido a indisposição da patroa, respondeu:

– É pra já. Primeiro, vou jogar essa rosa no lixo. Cheira mal, é o que está dando enjoos à senhora. Depois, vou preparar um chá com estas folhas de capim-santo que

acabei de apanhar no pé do muro, perto do roseiral. É uma planta milagrosa.

Envergonhada, desfazendo-se em lágrimas, sem coragem de encarar o capim, a rosa ainda pôde ouvir a mensagem que ele lhe transmitiu com imenso carinho:

– Oh!... que maldade estão fazendo com a minha querida rainha. Depois de pronto o chá, vou pedir para fazer-lhe companhia na mesma lata de lixo. Quem sabe se renasceremos em um mesmo jardim, pertinho um do outro?

Assim, como a rosa, tem sido a humanidade: preconceituosa, prepotente, acrimoniosa. Reincidente no erro de não ver no mais humilde um irmão que merece consideração e amor fraternal, olvida que todos, brancos e negros, ricos e pobres, nobres e plebeus, cultos e iletrados têm uma função e importância no grande contexto da vida.

O JUMENTO E O CAVALO

Certo rei, senhor de imenso território denominado Reinópolis, querendo testar a inteligência dos animais que viviam em seus domínios, grupou-os em duplas conforme a similitude das espécies.

Na preleção preparatória, quando foram anunciadas as regras do certame, o rei comentou:

– Amanhã começaremos a grande competição. Do marco inicial, partem duas estradas rigorosamente idênticas apresentando igual distância e as mesmas dificuldades. Quem primeiro chegar ao ponto final fixado aqui, à frente deste palanque, será proclamado o mais inteligente da parelha. Repousem no restante do dia de hoje, durmam bem a noite toda, não gastem energia desnecessariamente, vocês precisam estar preparados para a difícil tarefa.

Findo o sorteio realizado debaixo de enorme expectativa, ficou conhecida a dupla que principiaria a esperada porfia: o jumento e o cavalo.

Antegozando a vitória que seria obtida com larga vantagem, o cavalo relinchava despudoradamente como a zombar da desventura do jericó, pequeno, lerdo, feio, sem linhagem.

Em tom de mofa, falava ao jumento:

– Veja só, meu primo pobre, eu sou de estirpe árabe, ágil, porte avantajado, altamente cotado no mercado e na bolsa de apostas. Você, coitado, um jegue sem eira nem beira, genealogia desconhecida, vagaroso, sonolento, físico amesquinhado, sem valor comercial,

não tem a menor condição de competir comigo. Vai ser uma barbada! Vou vencer sem esforço.

Humilhado pela zombaria que provocava risadas nos demais animais, incapaz de rebater os remoques a que era submetido pelo arrogante concorrente, o jerico recolheu-se cedo à cocheira. Necessário era pedir a Deus paciência e resignação.

No dia seguinte, às oito da manhã, havia uma intensa movimentação. No palanque, a comissão julgadora presidida pelo rei; em torno da praça, os espectadores, ávidos de emoções, disputando posição privilegiada; no local da largada, o jumento sereno, cabeça pendente, indiferente à galhofa dos que insistiam em ridicularizá-lo e o cavalo altivo, irrequieto a bater com a pata no chão e zurrar ironizando seu oponente.

Dada a saída, o cavalo sôfrego partia em disparada enquanto o jumento tranquilo, a passadas curtas e lentas, iniciava a sua corrida.

Eram transcorridos trinta minutos. Havia uma desmedida ansiedade entre os assistentes. Não pairava a menor dúvida, em breve, o cavalo despontaria garboso, triunfante. Tal foi sua velocidade ao começar a prova que se fazia sentir a unanimidade de opiniões.

Mas, para espanto geral, hora e meia depois, o jumento surgia na reta final, alheio às exclamações de surpresa e aos frenéticos aplausos da delirante turba.

Quase ao mesmo tempo, o cavalo voltava ao ponto de partida, exausto, sangrando, humilhado pela desistência.

Intimado pelo rei para se explicar, comentou:

– Se esse jerico chegou ileso, não encontrou as mesmas dificuldades. Considero-me prejudicado.

Irritado, o rei ordenou:

– Informei anteriormente que os obstáculos eram iguais; não admito controvérsias, apenas explique a razão do seu fracasso.

– Senhor rei, retornou o cavalo contrafeito, após superar várias situações embaraçosas, deparei-me com um obstáculo intransponível. Inúmeras vezes tentei saltá-lo, era por demais alto; feri-me nas patas, no peito, na cabeça, sem resultado positivo. Sinto-me envergonhado e constrangido.

– Esclareça você, jumento, como se saiu das dificuldades da jornada, determinou o soberano.

– Majestade, foram muitos os momentos ingratos, entretanto, o pior deles foi uma cerca de quase três metros de altura. Sendo impossível ultrapassá-la, margeei-a de um lado para o outro até achar uma passagem e retomar a trilha. Assim, pude chegar aqui, sem ferimentos nem canseiras, apto a executar qualquer tarefa.

A multidão prorrompeu em novos aplausos ao vencedor.

O rei, emocionado, sentenciou solenemente:

– O cavalo quis pular o tapume, porque é burro. O jumento contornou a barreira, porque não é burro. Aclamo o jegue como o mais inteligente.

Assim se têm comportado, de modo geral, os homens, diante dos empecilhos próprios da vida. Querem resolver os mais intrincados problemas quais corcéis vigorosos, tentando ultrapassar todos os óbices com a rapidez de um raio. Tem-lhes faltado a paciência e a prudência para contornar os empecos com a humildade do jumento de nossa historieta.

O PERU E O PAVÃO

A praça principal de Reinópolis estava apinhada de pessoas e de animais. Forte alarido ecoava pelas cercanias quando a clarinada anunciou a chegada de Sua Majestade. Fez-se respeitoso silêncio.

O rei assomou ao palanque erguido no centro da praça e comunicou eufórico:

– Hoje, estamos dando continuidade à competição programada. Os dois participantes apresentem suas credenciais.

Mostrando sua monumental cauda rodada, multicolor, exuberantemente bela, entre pipilos afetados, o pavão expôs:

– Por minha ímpar formosura, sou a ave mais requestada do universo. Transito livremente por castelos e palácios imperiais, despertando a admiração e a cobiça dos poderosos ou o despeito e a inveja dos vassalos.

– Agora, fale o peru – determinou o soberano, após frenéticos aplausos da multidão deslumbrada com a resplandecente beleza do pavão.

– Eu, senhor rei – expressou-se o peru em tímidos grugulejos – sou um modesto membro da família galinácea. Ridicularizado por não ter porte principesco e cauda vistosa, faço rodas para atrair as companheiras, no cumprimento do sagrado dever de perpetuar a espécie, nunca por exibicionismo.

Após ligeira pausa a fim de retomar o fôlego, continuou comedido:

– Apreciado pelos gastrônomos, estou presente nas bodas e outros eventos sociais como prato predileto, sem contar as comemorações das noites natalinas, quando jantares regados a bebidas alcoólicas são mais apreciados do que o recolhimento e a oração.

Houve um zunzum generalizado. Alguns, mais exaltados, ensaiaram vaiar o vexado peru.

Hábil na condução dos seus subordinados, o rei, juiz íntegro, sereno, que ouvira tudo impassível, mandou que novamente soassem os clarins e, em seguida, esclareceu:

– As pistas de prova foram modificadas e adaptadas às condições dos concorrentes. Semelhantes entre si, guardam as mesmas características e dificuldades. Trinta minutos é o tempo ideal para a conclusão da corrida. Comecem. Boa sorte!

Grande expectativa agitava os presentes.

O tempo previsto escoara-se sem que aparecesse nenhum competidor.

Findos cinquenta e três minutos, o peru cruzou a linha de chegada aparentando muito cansaço e dirigiu-se ao rei justificando-se reverente:

– Humildemente, rogo a Vossa Majestade que me perdoe por haver ultrapassado o prazo determinado. Vários foram os embaraços enfrentados. Vencidos os primeiros duzentos metros, fui cercado por crianças aos gritos, na tentativa de fazer-me grugulejar indefinidamente. Confesso, meu bom rei, perdi alguns minutos contestando aquela atitude maldosa, mas logo me lembrei do compromisso, controlei meus impulsos, retomei a marcha. Adiante, deparei-me com um cipocal;

hesitei, mas não poderia desistir. Avancei resoluto, feri a crista e as pernas, usei o bico para retirar os espinhos dos pés e prossegui...

– Continue sua narrativa – ordenou o rei, mal ocultando sua curiosidade.

– Aí, senhor, ocorreu o lance mais difícil. Cheguei à beira de um lugar pantanoso e precisava atravessá-lo malgrado minha repugnância. Percebi, então, pequenos animais presos no lodaçal, pedindo socorro. Vacilei entre a vaidade de vencer a prova e o sentimento de piedade. Prevaleceu o segundo; salvei um por um, razão maior por que cheguei atrasado e exausto.

Decorrida mais meia hora, soldados da guarda real conduziram à frente do palanque o pavão desertor que, dirigindo-se ao monarca em tom de revolta, queixou-se:

– Majestade, no princípio da jornada tudo parecia fácil, meninos alegres aplaudiram-me, demorei-me para que apreciassem melhor a opulência de minha cauda aberta em leque. Depois, pude sentir que fui esbulhado por inimigos ocultos. A sinalização da trilha, ardilosamente mudada de posição por elementos inescrupulosos, interessados em desmoralizar-me, levou-me a sítios impróprios à minha linhagem fidalga. Fui ter a um caminho coberto de pedras, espinhos e por um emaranhado de cipós. Por muito tempo, vaguei sem rumo na tentativa de afastar-me da dificuldade imposta até reencontrar as setas indicativas que me guiaram a uma vargem infecta, onde animais repulsivos tiveram a audácia de pedir-me ajuda. Enojado, fugi do local, perambulei perdido por tempo sem conta e fui resgatado por soldados da guarda do palácio real. Peço severa

condenação para os que me prejudicaram e reparação dos danos morais sofridos.

O velho monarca, sábio em suas decisões, levantou-se, olhou a multidão ansiosa por seu veredicto e disse:

– Na competição anterior, assistimos à vitória do pacato jumento sobre o prepotente cavalo. Hoje, a decisão obedece aos mesmos princípios de justiça. Por seus méritos, proclamo o humilde peru o vencedor da prova. Parabenizo-o pela capacidade de superar obstáculos e, sobretudo, pela demonstração de solidariedade e de amor ao próximo. Ao orgulhoso pavão advirto: *“o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado”*. A todos, indistintamente, lembro os memoráveis ensinamentos de Jesus contidos no Sermão do Monte:

“Bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles é o reino dos céus”;

“Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque obterão misericórdia”;

“Bem-aventurados os que têm puro o coração, porquanto verão a Deus”.

Voltem para os seus lares e suas tocas, certos de que Deus não nos julga pela aparência exterior e, sim, pelo sentimento íntimo guardado no recôndito do coração.

O PULO DO GATO

Domingo lindo, céu limpo, sol intenso e muito calor. A praça principal de Reinópolis, ornamentada com bandeirolas e bolas de soprar, dava uma visão de soberba policromia aos milhares de pessoas e animais aglomerados em torno do palanque real, ansiosos pela chegada do rei e pelo início da nova competição.

A banda de música da guarda real fazia a retreta encantando com sua harmonia e variedade de ritmos.

De súbito, fez-se respeitoso silêncio! Sua Majestade, cavalgando imponente corcel ajaezado com as armas resplandecentes da casa real, adentrou a praça, acenou feliz para a multidão que o contemplava embevecida e foi ruidosamente saudado com o espocar do foguetório e aplausos delirantes dos seus súditos.

Lacaios prestimosos ocuparam-se da montaria enquanto o monarca galgava a escadaria do palanque para juntar-se aos seus ministros e membros da comissão julgadora. Passados breves minutos, o rei desvencilhou-se do manto, da coroa, enxugou o suor que lhe porejava a fronte e determinou solene:

– Apresentem-se os competidores sorteados para a prova de hoje.

Altiva, mal disfarçando seu descontentamento, a onça-pintada adiantou-se, fez a reverência de praxe e falou:

– Mande, meu soberano, estou pronta para obedecer. Apenas lamento ter de disputar com um ser tão insignificante. Logo eu, exímia caçadora que não deixo presa nenhuma escapar à minha destreza tanto em

campo raso quanto subindo em árvores, medir forças com um bicho de cuja presença quase não me apercebo.

– Venha, agora, o gato – chamou o rei.

– A disparidade física é evidente, imensurável, mas, como no prélio não se prevê um confronto corpo-a-corpo, tudo farei para sobrepujar minha adversária com inteligência e astúcia.

– Muito bem! Louvo a disposição de ambos. O gato tomará a pista esquerda e onça, a direita. Advirto que, em três pontos distintos, os caminhos se cruzarão. Neles encontrarão os maiores perigos. Comecem.

Gato... uma merenda muito especial! Vou saboreá-lo na primeira oportunidade. Depois, chegarei tranquilamente ao ponto final da prova e receberei as merecidas homenagens... e o bichano será dado como extraviado, incompetente, irresponsável! – monologava a onça, acelerando a marcha.

Ao chegar à primeira encruzilhada, a onça aguardou a passagem do gato e, rápida como um raio, lançou-se sobre ele. Mais ágil, entretanto, o gato saltou para o lado esquerdo e fugiu.

Desapontada com o fiasco, a onça imaginou atacá-lo no próximo encontro pelo flanco oposto. Aí, sim, seria fatal, pois já sabia o lado para o qual o gato pulava.

Escondeu-se por trás de uma moita, esperou o momento exato e zás... cravou os dentes numa pedra solta na estrada... o gato pulara para o lado direito deixando a agressora desorientada. Um urro de dor e de raiva ecoou mundo afora.

– Resta-me a última chance. Não será pela esquerda nem pela direita, atacarei por trás. Dessa vez, não vou

falhar – resmungava a onça estugando os passos para chegar primeiro à terceira encruzilhada.

Imóvel, respiração presa para não ser pressentida, a onça aguardou a hora certa para o bote decisivo.

Fingindo-se distraído, o gato atravessou lentamente o cruzamento, repetindo zombeteiro:

– Onça-pintada, diga quem te pintou, o senhor rei quer a tinta que sobrou.

Furiosa, no intuito de devorar seu irônico desafeto, a onça arrojou-se contra o pequeno felino que, surpreendentemente, pulou para cima, deixando-a estatelar-se no chão.

Tão desastrada foi a queda que a indigitada rolou pela margem da estrada, indo parar numa touceira de cactos.

Minutos depois, o gato recebia as honras de vencedor da prova, ao passo que a onça, conduzida em maca, com dentes quebrados, boca sangrando, focinho e corpo cheios de espinhos, necessitava da assistência de um médico veterinário.

O sábio monarca deu por encerrada a competição do dia declarando:

– A inteligência e a astúcia quando bem orientadas, em muitas ocasiões, podem superar a truculência dos néscios. Não esqueçam jamais que a toda ação corresponde uma reação e, ainda, que a cada um será dado segundo o seu merecimento.

MACACO JILÓ

Mais um belo domingo de verão vivido intensamente em Reinópolis.

Na praça, ornamentada com flores silvestres, em singular profusão de cores e perfumes, pessoas e bichos misturavam-se numa explosão de alegria, enquanto aguardavam o início de mais um certame promovido pelo rei.

No palanque real, Sua Majestade observava a movimentação da grande massa de súditos e confidenciava aos seus conselheiros:

– Esta é uma terra abençoada, gente e animais convivem amistosamente, cantam, riem, confraternizam-se. Raros são os que não compartilham desta harmonia por serem portadores de deformações morais e, em consequência, descambaram para os vícios ou para a violência. Sinto-me feliz.

Instantes depois, a um sinal do soberano, rufaram os tambores anunciando a esperada disputa.

Majestoso, o rei levantou-se do trono, uma vez mais perpassou o olhar pela multidão em grande expectativa e falou à plateia que o olhava com admiração e respeito:

– Hoje, confrontam-se o buriqui, o maior macaco das Américas, representado pelo Macaco Jiló, nosso conhecido por suas diabruras e o saguim, único primata do litoral, o menor indivíduo da espécie. Os dois tomem seus postos na marca de saída. Saguim à esquerda, buriqui à direita.

Mestre no ofício de provocar, o Macaco Jiló, em vez da habitual reverência, com três cambalhotas pôs-se em pé diante do rei, abriu largo sorriso de desdém, debochou do saguim atingindo-o com pedrinhas e apresentou-se afetado:

– Eis aqui, senhor rei, o virtual campeão da jornada de hoje. Como bem declarou Vossa Majestade, sou o macaco de porte mais avantajado das Américas, mas não fica somente aí a minha superioridade sobre o meu mísero oponente; sobram-me inteligência, sagacidade e, sobretudo, esperteza.

– Venerável soberano – sussurrou o saguim após fazer tímida mesura – veja em mim um fiel servo que tudo fará, dentro da ordem e da ética, para merecer o título de vencedor.

Sereno, sem transparecer ter-se agastado com as impertinências do Macaco Jiló, o rei fez as devidas recomendações, arrematando:

– Em determinado trecho, os dois caminhos se confundem numa única via para, em seguida, separarem-se e de novo juntarem-se, à vista de todos, no declive da reta de chegada. Muita atenção na sinalização, a troca de pista significa eliminação do infrator.

Ao soar o gongo, ambos partiram em disparada.

Na praça, a agitação era marcante. Poucos acreditavam no saguim, a maioria apostava no Macaco Jiló.

Em conversa com amigos, o tatu argumentava:

– Impossível o saguim levar a melhor na disputa. Além da diferença física, o Macaco Jiló é astuto, inescrupuloso.

– Conheço-o muito bem, fui vítima de suas intrigas – considerou a anta.

Pondo à mostra toda a sua revolta, a raposa esbravejou:

– Você só sofreu intrigas? Pior ocorreu comigo! Fui trapaceada cinicamente! Jiló é vil, nocivo à coletividade. Deveria ser preso e passar por um processo de ressocialização.

– Concordo plenamente com vocês, o mau elemento não perde oportunidade de promover-se, mesmo com o sacrifício de alguém – comentou o guará.

– Suas intromissões deixam sempre um gosto amargo nos outros. Faz jus ao apelido! – ironizou a jaguatirica.

Enquanto, na praça, discutia-se e apostava-se, o Macaco Jiló chegava primeiro à junção das estradas. Maliciosamente, inverteu as setas indicadoras da direção, tomou o caminho apropriado e procurou ocultar-se no mato para ter a certeza de que o saguim caíra no logro. Prelibava com a situação vexatória do adversário e a possibilidade de tripudiá-lo à frente de todos.

Conhecedor, no entanto, das trampolinagens do antagonista, o saguim deteve-se em cuidadoso exame do terreno, observou os rastros deixados, convenceu-se, enfim, das modificações introduzidas na sinalização.

Dispunha-se a seguir o rumo certo quando sua atenção foi despertada por um grito de susto seguido de gemidos de dor. Aqueles guinchos eram-lhe conhecidos!

A pouca distância, Macaco Jiló havia caído numa esparrela armada por caçadores. Estava preso e com o braço quebrado.

A evidente intenção de prejudicá-lo com as trocas efetuadas na sinalização não estimulou o saguim à

desforra. Assim, ajudou Jiló a livrar-se da armadilha, providenciou uma tala e imobilizou seu braço fraturado. De nada, porém, valeu aquele gesto de desprendimento. Insensível ante o sentimento de solidariedade, o vilão desferiu violento golpe no saguim deixando-o desacordado e partiu confiante para a consagração. Grande alvoroço agitou os espectadores. Macaco Jiló despontou sozinho no topo da ladeira de acesso ao ponto final.

Todavia, para surpresa geral e satisfação da maioria, o saguim, vendo Jiló já na metade do lanço derradeiro, enroscou-se em forma de uma bola, rolou ladeira abaixo para cruzar vitorioso a linha de chegada.

Delírio contagiante envolveu os presentes que não pouparam aplausos ao vencedor.

Jiló, inconformado, reclamava do meio ilícito usado pelo oponente; entretanto, o rei, homem justo, validou o feito do saguim declarando enfático:

– Expedientes escusos foram empregados pelo derrotado. Meus fiscais informaram que o Macaco Jiló tentou ludibriar o concorrente alterando a sinalização. Depois, agrediu fisicamente aquele que, como um bom samaritano, o socorrera. O insensato delinquente retribuiu com o mal o bem recebido. Por sua conduta abominável, condeno-o a dois anos de reclusão. Que esta lição sirva de exemplo e esteja sempre em suas lembranças o Salmo 32.2: *"Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa maldade e em cujo espírito não há engano"*. Atentem todos também para o ensinamento de Jesus contido em Mateus 5.48: *"Sede, pois, perfeitos, como vosso Pai Celestial é perfeito"*.

ELE E ELA

Depois de um prolongado e rigoroso inverno, a primavera debruçou-se radiosa sobre Reinópolis, fazendo desabrochar uma imensa variedade de flores em seus verdejantes prados.

Se a natureza sorria, menor não era a felicidade daquele povo ordeiro que ansiava pela volta das domingueiras competições entre animais do reino.

Com abaixo-assinados, manifestações no passeio público, reivindicações pessoais, procurava-se avivar a atenção de Sua Majestade para o grande anelo popular.

No início do verão, quando julgou oportuno, o rei mandou engalanar a praça e promoveu festivamente a reabertura da temporada de jogos.

Era o primeiro domingo da estação do estio. Em frente ao palanque real, o populacho e a bicharada murmuravam e comprimiam-se agitados pelo desejo de conhecerem os representantes da fauna sorteados para a prova de habilidade, perspicácia e inteligência.

Maior foi o frenesi quando, por fim, soaram as trombetas da guarda palaciana anunciando que o rei falaria aos presentes, mas logo a inquietude cedeu lugar à expectativa silenciosa.

Em segundos, seu olhar sereno percorreu a praça e falou cordial:

– Meus súditos queridos, hoje, para surpresa geral, não teremos uma competição entre dois bichos, veremos, sim, a disputa envolvendo um homem e uma mulher.

Apresentem-se os pretendentes à consagração real e à popular.

Ante o dirigente maior de Reinópolis, o homem, mal ocultando a vaidade que lhe extravasava do íntimo, curvou-se reverente, falou alto e compassadamente para ser ouvido e bem entendido pela plateia atenta:

– Vossa Majestade, sem a menor sombra de dúvida, sou eu o nobre de mais elevado conceito entre os fidalgos da corte. Cultor das belas-artes, das letras, das ciências exatas, destaco-me também como esgrimista exímio e cavaleiro incomparável. Defrontar-me-ei com uma mulher, um adversário sem qualificação tanto intelectual quanto física. Não é apenas profundamente lamentável, é, sobretudo, desinteressante e ridículo. Dói-me alcançar uma vitória inexpressiva diante de um concorrente incapaz.

– Conheçamos, agora, a mulher – anunciou o rei.

– Meu soberano, sou simplesmente uma humilde dona de casa quase iletrada. Como trunfo, trago apenas a experiência de vida adquirida com muito suor e lágrimas; como guia, tenho o Evangelho; como protetor, conto com meu anjo da guarda, bondoso preposto de Jesus; como meta, escolhi servir a Deus, à minha família e ao próximo. O que estiver a meu alcance farei para salvaguardar a reputação feminina.

– O homem ponha-se à esquerda, a mulher à direita. Os caminhos são semelhantes, oferecem as mesmas dificuldades, apresentam problemas idênticos. Que vença o melhor! Comecem.

Enquanto aguardavam a chegada dos competidores, os presentes ouviam a magnífica retreta executada pela

banda real, discutiam, apostavam, faziam diferentes prognósticos.

Antes, porém, do tempo previsto para o término da disputa, ambos cruzaram a linha de chegada no mesmo momento. Ela montando um imponente corcel, ele puxando o cavalo pela rédea.

Como decidiria o rei? Era a preocupação de todos, a indagação estampada em cada semblante.

Imperturbável, o rei, reconhecido como prudente e imparcial, iniciou uma sabatina visando a uma justa sentença:

– Na primeira etapa, vocês encontraram uma tela, tintas e pincéis. Que fez o homem?

– Majestade, uni técnica e sensibilidade, pintei um esplendoroso amanhecer e gravei um pensamento: A cada dia que nasce, renova-se a minha capacidade de brilhar perante Deus e os mortais!

– Você, mulher, o que nos deu?

– Rústica como sou, não poderia expressar na pintura os meus sentimentos. Com notória inabilidade, pintei uma cruz e, ao lado, anotei: O símbolo do martírio de Jesus renova nossas forças e esperanças de ressurreição.

Bem-humorado, o rei continuou:

– Na segunda etapa, ofereceram-lhes papel e lápis. Que escreveu o homem?

– Deixei para as futuras gerações uma afirmação inquestionável: Um homem comum é superior a qualquer mulher em gostos, aptidões e em inteligência. Eu, respeitado e admirado por meus contemporâneos, sou melhor do que os homens comuns.

– Qual o legado da mulher à posteridade?

– Desculpe-me, soberano, uma pessoa modesta quanto eu quase nada tem a oferecer. Escrevi: Não basta carregar a sua cruz, é preciso saber como e aonde levá-la.

Transparecendo sua imensa satisfação, o rei insistiu:

– Em seguida, encontraram um triângulo retângulo com a indicação: cateto menor, três metros; o outro cateto, quatro metros. Qual o perímetro do triângulo? A que resultado chegou o homem?

– Muito fácil. Apliquei o teorema de Pitágoras: A soma do quadrado dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa. Logo, concluí: Quadrado de três, nove; quadrado de quatro, dezesseis; a soma dos quadrados, igual a vinte e cinco; sua raiz quadrada, cinco. Então, três mais quatro mais cinco somam doze, o perímetro do triângulo.

– E a mulher como procedeu?

– Não sei demonstrar teoremas. Tomei uma fita-métrica, medi o contorno do triângulo, cheguei ao resultado de doze metros.

Paciente, o rei prosseguiu na arguição:

– Depois, depararam-se com dois esgrimistas batendo-se em duelo, fechando a única passagem. Responda, homem, como logrou passar?

– Fiz uso do meu florete, lutei contra os dois ao mesmo tempo, desarme-os, abri o caminho, transpus incólume a passagem.

– A mulher também usou arma?

– Não! Não sou dada à violência. Apelei para a astúcia. Na hora oportuna, abaixei-me e passei entre os dois lutadores.

– No penúltimo lanço, viram duas crianças esfomeadas pedindo comida. Atendeu-as, homem?

– Não, senhor. Recusei-me ofendido. É tarefa feminina, não entendo de culinária.

– A mulher tomou alguma providência?

– Sim. Colhi algumas verduras, preparei um caldo verde. Deixei-os alegres e agradecidos.

Para finalizar, o rei interrogou:

– Por que o homem chegou puxando o cavalo?

– Sem sela, não havia como montar!

– A mulher veio montada! O cavalo está selado?

– Não. Quem quer vencer na vida, enfrenta qualquer dificuldade, qualquer desafio.

Um largo sorriso abriu-se no rosto venerando do rei ao dar seu veredicto:

– O homem esbanjou vaidade e prepotência. Por preconceito, discriminou as mulheres e os que lhe são socialmente inferiores. Não soube contornar certas dificuldades por incompetência alimentada pelo convencionalismo machista, deixou de cumprir duas tarefas. Declaro, pois, a mulher vencedora por seus múltiplos méritos. Louvo sua humildade, sua fé, tenacidade e o sentido prático de resolver os problemas. Após demorada pausa, espraçou seu olhar lúcido pela multidão embevecida e concluiu:

– O orgulho cega, por isso Jesus advertiu: *"E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado"* (Mateus 23:12).

O PAPAGAIO E O HOMEM

Passadas três semanas, o assunto dominante em Reinópolis ainda era a surpreendente vitória da mulher plebeia, dona de casa rústica e humilde, sobre o homem nobre, palaciano culto e esnobe.

Envergonhado, o fidalgo guardava retiro em propriedade próxima da cidade, temendo os remoques dos mais ousados, uma vez que agora o chamavam de bobo da corte.

Movido pela inveja e pelo despeito por jamais haver logrado um espaço entre os áulicos do rei, Eulâmpio destacava-se como o maior crítico do aristocrático senhor.

Sabedor das ocorrências, o rei definiu um novo certame, deixando, porém, envoltos em misterioso véu seus competidores.

A multidão, agitada por incontida curiosidade, cogitava as mais variadas hipóteses, até que se fez ouvir o som dos clarins anunciando a chegada do rei.

Do alto do palanque real, Sua Majestade convocou Eulâmpio e o papagaio e disse-lhes:

– Hoje, não será vencedor o que aqui chegar primeiro, mas o que conseguir convencer o maior número de pessoas e animais a vir rezar com a família real.

Partiram ambos em busca de afirmação perante o soberano.

Enquanto os dois andarilhos percorriam as ruas e vielas dos bairros e aldeias mais próximas, na praça central de Reinópolis, bichos e pessoas, tomados de grande

entusiasmo, discutiam, expunham as qualidades dos concorrentes, cada um acreditando que a vitória penderia para seu lado.

Eulâmpio, loquaz, maledicente, parava onde havia agrupamento, fazia discursos inflamados, criticava a ganhadora da porfia anterior, desancava o cortesão derrotado, censurava o rei por fazê-lo competir com um papagaio. Poucas palavras reservava ao convite para a oração em grupo.

O papagaio cumpriu todo o percurso exortando a comunidade a segui-lo e confraternizar-se em prece juntamente com o piedoso rei.

Ao cair da tarde, Eulâmpio retornou com cinco amigos. Apresentou-se ao rei e declarou enfático:

– Majestade, como se constata, é verdadeira a lição do Evangelho: *"Muitos são chamados, poucos os escolhidos"*.

A ansiedade aumentava à medida que o tempo passava, até que, meia hora depois, surgiu o papagaio trazendo um séquito de duzentos e noventa participantes, entre bichos e pessoas.

Aproximou-se do palanque real e, genuflexo, falou:

– Arrebanhei alguns "trabalhadores da última hora", queira dignar-se recebê-los em sua vinha e pagar-lhes o salário merecido.

A bicharia, exultante, ovacionou o papagaio festejando a vitória de um dos seus contra o homem palrador e inconsequente.

Acenando para a multidão, o velho monarca pediu silêncio e, como que tocado por inspiração divina, orou:

– Jesus, Cristo Bendito de Deus. Instruíste-nos a amar o próximo, a não desejar aos outros o que não queremos para nós. Recomendaste-nos que nosso falar seja sim, sim, não, não, sem sofismas. Ensinaste-nos que a cada um será dado segundo as suas obras. E o que temos feito passados tantos séculos? Não aprendemos ainda a amar e a desejar o bem aos outros. Insistimos em ser maledicentes. Temos ferido os nossos irmãos de jornada. Reconhecemos, Senhor, nossas mazelas, sabemos das nossas imensas responsabilidades e, por isso, pedimos ajuda e forças para vencermos nossas dificuldades. Ilumina nossas mentes para que saibamos escolher o caminho certo para nosso crescimento espiritual. Assim seja.

Em profundo recolhimento, num misto de perplexidade e respeito, os presentes sorveram as palavras do venerável governante como gotas de luz a inundar-lhes a almas sequiosas de paz, de amor e de fraternidade.

Eulâmpio, emocionado, abeirou-se do palanque dizendo:

– Meu rei, meu senhor, aprendi a lição. De agora em diante, esforçar-me-ei para ser humilde, frear a língua, dar um novo sentido à minha vida. Muito obrigado!

O rei sorriu, abençoou o vassalo reabilitado e comentou bem-humorado:

– Muitas reencarnações serão necessárias para que o espírito purgue seus erros, purifique-se até angelizar-se. Daí a resposta de Jesus a Nicodemos: *Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo*” (João, 3:3).

O MACACO INVEJOSO

Perseguido por uma onça, um macaco subiu rapidamente numa árvore; saltando de galho em galho, alcançou outras árvores, embrenhou-se mata adentro e só parou quando se sentiu a salvo do terrível felino.

Agarrado ao galho mais alto de um frondoso jequitibá, balançava-se ao sabor do vento, praticava mil estrepolias, assobiava, fazia caretas para a onça no intuito de provocá-la.

De súbito, parou. O voo tranquilo de um urubu polarizou sua atenção causando-lhe inveja e despeito.

Após longos minutos de muda contemplação, sem poder conter sua indignação, clamou de forma que todos o ouvissem:

– O Criador laborou em equívoco, a natureza está toda errada! Eu, o animal mais assemelhado ao homem, dotado de alguma inteligência, no máximo consigo lançar-me de um galho para outro. Voar que é bom, não voo, enquanto aquele desprezível abutre, que nos causa repugnância por se comprazer nas carniças, paira majestosamente nas alturas como um ser privilegiado. Protesto, isto não é justo.

De nada valeram as admoestações de outros animais que se encontravam por perto. Lá do chão, um jabuti tentou apaziguá-lo:

– Meu amigo macaco, não menospreze nem subestime o valor do corvo. Lembre-se de que ele também é nosso irmão, merece respeito, você não deve ofendê-lo dessa forma.

Fizeram coro em apoio ao jabuti o tejo, a jiboia, a lagarta e muitos outros bichos, ao que o macaco irritado respondeu:

– Qual nada, o que eu não devo é ficar submisso a um capricho da natureza. Vou fazer exercícios especiais, aprenderei a voar. Vocês, pobres acomodados, verão e prestarão reverências a mim.

Dia após dia, via-se o macaco em intensivo treinamento. Com muito esforço, conseguira em seus pulos espetaculares quase dobrar a distância alcançada por seus irmãos símios, mas não se dava por satisfeito. Queria voar, planar no espaço infinito.

Certa feita, num lance mais ousado, encheu o peito de ar, eriçou os pelos, arremessou-se para cima, abriu os braços, como se asas fossem, na louca ilusão de suste-se solto nas alturas. Estatelou-se no chão, provocando risadas na bicharada.

Rápido como um raio, sobressaltado, aos guinchos de dor e de pavor, subiu à copa de uma grande árvore. Por pouco não fora apanhado pela onça que, na espreita, aguardava uma oportunidade.

Indiferente aos conselhos dos amigos, obstinado, o macaco não desistia. Novas tentativas, mais quedas, outros sustos.

Um dia, o toambo foi mais violento, quebrou as patas e não pôde correr. Serviu de repasto para a onça.

Acabrunhada, sua alma chegou à porta de um palácio feericamente iluminado onde foi recebido pelo porteiro que, paciente, ouviu suas indagações:

– Isto aqui é a Casa de Deus? Se blasfemei, se me rebelei contra os desígnios do Senhor, se morri antes do

tempo determinado pela Providência, vitimado por minha teimosia, não estou condenado ao inferno?

Com palavras benevolentes, o porteiro esclareceu:

– Não, meu rebelde amigo, não está. O Pai é de uma bondade infinita, jamais condenaria qualquer ser ao inferno, contudo infinita também é a sua justiça. Isto aqui é uma escola, entre, você será preparado para reencarnar, ser-lhe-á dada nova oportunidade para corrigir-se da inveja e da vaidade.

– Nascerei de novo como macaco? Peço que não seja assim. Meu sonho é poder voar.

– Meu filho – replicou bondosamente o porteiro – você, além de cultivar a paciência, precisa amar e respeitar seus irmãos, aprender que tudo na natureza é criação divina e tem função definida no mundo. O urubu é imprescindível como operário da limpeza pública, é útil, não merece ser menosprezado. Por isso, você renascerá urubu.

– Dos males, o menor – suspirou o macaco. – Pelo menos, poderei voar.

– Seu pedido está anotado para ser atendido em futuro mais remoto. Você chegou aqui com as patas quebradas por ter feito mau uso delas, então voltará à Terra como um urubu de asas deformadas; não poderá voar.

Muitos são os que reencarnam cegos, surdos, mudos, coxos, manetas, mongoloides, portadores das mais diversas deformidades. Cumprem penas transitórias para corrigenda e burilamento espiritual, uma vez que Deus, bom e justo, não dá castigos eternos aos seus filhos.

A FORMIGA E O TIGRE

Ouvia-se um grande alarido na mata. Levada pela curiosidade, uma saúva, querendo investigar o que ocorria, contornou obstáculos, venceu dificuldades até chegar a uma clareira onde se realizava uma assembleia de bichos.

Em acalorados debates, discutia-se qual o animal mais forte, o mais inteligente e o mais necessário à comunidade.

Imponente, o leão assomou à tribuna, encrespou a juba dourada e falou com soberba:

– Eu, cognominado o rei dos animais, sou o mais forte e o mais inteligente. Conquisto e domino todo o território ao alcance de minha vista. Imponho minha vontade, meus súditos obedecem.

O elefante, batendo vigorosamente suas patas contra o solo, em veemente protesto, fez estremecer o chão. O improvisado palanque desmontou-se e, assustadíssimo, o leão rolou por terra.

– Compare, senhor leão, o seu tamanho com o meu e diga qual o mais forte. Com a minha tromba sou capaz de arremessá-lo para fora desta assembleia. Duvida?

– Calma, amigos – interveio a raposa – não é só a força bruta que conta, há de considerar-se também a astúcia. Sagacidade não me falta, posso, então, ser considerada a mais inteligente.

Dentes à mostra em riso sarcástico, a hiena arrogou-se o direito de ser o animal mais necessário, dizendo:

– Alimento-me dos restos de caça em decomposição, saneio o ambiente; em consequência, deixo o ar livre dos miasmas para o bem-estar de todos. Quem presta serviço igual?

– Eu, a girafa, posso prestar um melhor serviço. Alta como uma torre, vejo antes o perigo que se avizinha e dou o alarme para que vocês, os baixinhos, se protejam. Não concluiu sua autopromoção. O rinoceronte bramiu irônico:

– Torre que eu derrubo na primeira cabeçada. Meu corpo é revestido de uma couraça invulnerável, os chifres que trago no focinho são irresistíveis e minha força pode ser comparada à de três elefantes. Minha única falha está na visão deficiente. Por vezes, mal distingo o adversário; mesmo assim, exijo o título de o mais vigoroso.

Não havia consenso. Cada qual atribuía a si qualidades incomuns, sobravam os autoelogios, pululavam exclamações de desprezo e de escárnio.

Ao tentar expor sua opinião, a pobre formiga sofreu uma saraivada de apupos. Tida como predadora das plantas, ouviu, desolada, o remoque do tigre:

– Cala a boca, cortadeira vagabunda, você só serve para tira-gosto de tamanduá.

Correndo em torno da formiga, rugindo para assustá-la, o inditoso tigre pisou numa armadilha deixada por caçadores e, repentinamente, viu-se dependurado de cabeça para baixo, sem condição de soltar-se.

Contrastando com os desentendimentos ocorridos durante a reunião, a aflição causada pelo incidente e o sentimento de solidariedade estavam patentes na maioria dos animais ali presentes.

Seus companheiros faziam de tudo para libertá-lo, entretanto, nenhum conseguia desatar o laço feito com bem urdida fibra vegetal.

O leão bramiu com tristeza, declarando-se impotente. Nas seguidas tentativas, feriu a perna do tigre com suas afiadas unhas.

O elefante, quanto mais usava a tromba, mais apertava a laçada provocando dores insuportáveis ao angustiado felino.

A raposa logo desistiu, faltava-lhe habilidade.

A hiena, destoando da tristeza geral, ria à toa, dizia aguardar a morte do incauto para cumprir sua missão.

A girafa alegava não ter meios de ajudar, era alta demais e meio desengonçada.

O rinoceronte sequer enxergava o cordel que mantinha o tigre preso.

Humilde, sem guardar ressentimento, a formiga ofereceu-se para "cortar" o laço. Foi até o arbusto onde seu ofensor se encontrava em insólita situação. Findos prolongados minutos de tensa expectativa, chamou o elefante e pediu sem afetação:

– Com sua tromba, segure o tigre para evitar que ele caia no chão e se machuque. O laço está para romper-se, faltam poucas mordidas.

No preciso instante da esperada libertação, a formiga foi delirantemente aplaudida.

O tigre, envergonhado, retirou-se após apresentar mil pedidos de desculpas.

A assembleia foi dissolvida com o retorno dos participantes a seus afazeres naturais. Ficou, porém, gravado na lembrança de todos os bichos o exemplo de

humildade, de esquecimento das ofensas recebidas e do amor fraterno dado pela formiguinha. Ficou também a extraordinária lição de que cada ser tem uma importante função a desempenhar no grande concerto da vida, independentemente do tamanho, do vigor físico, da cor, da raça, do credo.

Assim, como bichos, comporta-se grande parte da humanidade ainda presa a interesses exclusivamente materiais.

Uns, por orgulho e ambição, conquistam nações, subjagam e oprimem povos, qual prepotente leão.

Muitos, tocados em sua vaidade, ameaçam os mais frágeis, como um elefante enfurecido.

Alguns usam ardis para empreenderem negócios inescrupulosos em prejuízo de terceiros, à feição de raposa manhosa.

Outros, no intuito de entesourar bens terrenos, roubam viúvas indefesas, ao modo de hiena ridente à espreita de despojos.

Tantos, do alto dos seus castelos, pensam estar vigilantes e menosprezam os que labutam em plano inferior, assemelhando-se à girafa presunçosa.

Muitos, também, sentem-se invulneráveis sem que possam vislumbrar uma réstia da justiça e do bem, tal um rinoceronte de visão imperfeita.

Esquecem-se de que voltarão à Terra, em dolorosas reencarnações expiatórias e de resgate, para repararem com o próprio esforço os danos morais e materiais causados aos outros, até que, saldados todos os débitos, possam iniciar etapas novas de crescimento espiritual.

Poucos, muito poucos, vivem em conformidade com o Evangelho de Jesus, comportam-se como simples formiguinha, despretensiosa, que, na estória, soube exercitar o amor desinteressado e o perdão incondicional, sem limites.

EU E OS DOIS PASSARINHOS

Estava sentado na sala, admirando o pé de julideia na varanda do meu apartamento.

O verde da exuberante folhagem, combinando com o amarelo-ouro de suas flores grandes, fez-me mergulhar no passado distante, quando, criança e feliz, era aluno do Grupo Escolar Pedro II.

Ali, fazia-se despertar o sentimento cívico de amor à Pátria; no início e no final da aula, cantavam-se o hino nacional e o hino à bandeira.

Lá, aprendi que o verde da nossa bandeira representa as matas, a mais rica das floras do planeta, o amarelo significa o ouro e o magnífico potencial do nosso subsolo e o azul nos fala do céu onde "o azul é mais azul e uma cruz de estrelas mostra o sul".

Apesar de tudo, estava azedo, triste, amargurado. A perda da copa mundial, o sonho desfeito do pentacampeonato feriram o meu orgulho patriótico, ainda doíam como um ultraje à honra nacional.

Remoía a indignação quando a minha atenção foi despertada por um passarinho que, saltitando entre os ramos da trepadeira, chilreava alegremente.

Havia invadido minha privacidade, debochava do meu sofrimento, pensei contrariado! Não fosse a preguiça a reter-me sentado, iria enxotar o intruso que ousava tripudiar de minha desdita.

Pude, então, observar que o passarinho não se dirigia a mim, e sim a outro de sua espécie, alojado na

samambaia pendurada no teto, do lado oposto da varanda.

Assombrado, distingi com clareza o diálogo dos pequenos seres alados. Comentava o primeiro:

– Causam-me dó os humanos. Veja só quanta amargura por coisa tão fútil, quando existem problemas tão sérios para serem pensados e resolvidos, como a seca, o desemprego, a fome, as doenças, o analfabetismo.

– Tem razão, meu irmão – replicou o segundo – os homens são uns inconsequentes.

– Inconsequentes, sim, em vista da vaidade contrariada, do orgulho ofendido, do egoísmo desmedido.

– E que contradição! Ouço, muitas vezes, dizerem-se cristãos. Como podem sê-lo se, em seus corações endurecidos, guardam tantas mágoas, alimentam tantos rancores, acalentam tantas paixões mesquinhas?

– Venha, amigo, pouse junto a mim aqui na julideia e cantemos juntos para desanuviar essa alma entediada, restituir-lhe a paz interior e fazer-lhe voltar o gosto pela vida.

Agora, encantado, ouvi o mavioso trinar dos passarinhos, mas, antes que pudesse agradecer, os dois voaram ganhando a imensidão do céu e levando para sempre os meus dissabores. Fiquei curado.

Em sua infinita sabedoria, o Senhor nos dá imorredouras lições de vida por intermédio de criaturinhas tão singelas ou de coisas aparentemente insignificantes. Aprendendo um pouco em cada experiência reencarnatória, alcançaremos a felicidade plena.

Afinal de contas, por que tanta ambição? Por que não deixar à França o gostinho de ser campeã uma vezinha, nós que já somos tetra?

HUMILHAÇÃO E GLÓRIA DA LAGARTA

No sítio do seu Nestor, havia um lugar destinado aos animais silvestres por ele capturados. Poderia ser chamado de um minizoológico onde, apesar de confinados, os bichos gozavam de relativa liberdade, dispunham de muito espaço e de farta alimentação.

Bem cuidada e florida, na Bicholândia (nome dado por seu Nestor a seu sítio) tudo era bonito e harmônico, com destaque especial para a perfeita sintonia entre o trinar da passarada e o rumorejar da fonte.

Certa tarde, após a visita habitual, seu Nestor trancou a porteira da Bicholândia, olhou uma vez mais os seus protegidos e falou com enlevo:

– Deus abençoe esses seres que não têm a maldade humana, não conhecem a inveja e a cupidez.

Mal desapareceu na curva do caminho, o coelho comentou irônico:

– Bom homem, mas muito crédulo!

– De fato – retrucou o quati – não sabe ele que não temos mais a paz de antigamente.

– É mesmo, com a chegada do pavão, começaram os mexericos. Foi-se a tranquilidade – disse a paca muito triste.

O pavão dera entrada na Bicholândia há menos de seis meses. Exibicionista, presunçoso e prepotente, aliou-se ao tucano maldoso, despeitado, intrigante e maldizente.

Desde então, a comunidade ficou insegura passando a conviver num clima tenso do disse-não-disse, de desconfianças, de insatisfação.

Um tatu, uma coruja e outros bichos vieram participar das queixas e reclamações contra o pavão misterioso e o enigmático tucano, quando foram alertados por um saguim que espreitava a redondeza pendurado no topo de uma amoreira.

– Cuidado, amigos! Ali perto está o tucano de alta periculosidade, com ouvidos atentos, pronto para destilar veneno e também vem chegando o pavão com a cauda rodada, arrogante, julgando-se superior a tudo e a todos.

– Que vejo, meu Deus? – ressabiado e insolente, aproximou-se o pavão gritando – um coelho dentuço, um quati farejando o chão, uma paca que mais parece um rato gigante, um tatu embocando terra adentro, uma coruja agoureira e, de quebra, um saguim presepeiro fazendo mil caretas. É-me penoso viver num ambiente tão desagradável.

– Todos horríveis, contraste chocante com o colorido e a beleza sem par de sua plumagem, amigo pavão – completou entediado o bajulador tucano.

Se os homens entendessem a linguagem dos animais, decerto seu Nestor perceberia o clamor geral para que o pavão e seu cúmplice tucano fossem afastados da Bicholândia.

Em dado momento, locomovendo-se lentamente, entre os galhos da amoreira no intuito de alcançar uma folha, uma lagarta causou um tremendo susto ao saguim que, ligeiro como uma flecha, pulou para um arbusto vizinho reclamando contrafeito:

– Assombrei-me sem razão, é apenas uma lagarta, muito feia, por sinal, mas inofensiva.

– É horripilante! Enoja-me! Sua presença é uma afronta à minha formosura e porte imperial – ralhou o pavão irado – uma intrusa, não pertence ao nosso habitat tão duramente maculado com o convívio de seres desprezíveis. O meu estimado companheiro tucano deve usar seu vigoroso bico para eliminá-la imediatamente.

– Eu não! Causa-me náuseas! Presto-me a tarefas mais nobres. Limpeza pública fica por conta dos abutres.

A pobre lagarta, apavorada com a ameaça de sumária execução, ficou imobilizada, entrou em estado de letargia.

Dia após dia, eram repetidos remoques e sentenças de morte arrepiantes.

Certa feita, os dois atrevidos amigos zombavam:

– Olha lá, querido pavão, a lagarta parece que morreu, está diferente!

– Morta? Qual nada, esta sorte nós não temos, meu caro tucano. Virou crisálida, ficou mais rústica, mais disforme, mais...

O pavão calou, não pôde conter a surpresa.

Admirados, todos os bichos olhavam para cima.

O casulo agitou-se, dele saiu uma belíssima borboleta cumprimentando a todos:

– Bom dia, irmãos, agora não sou mais a lagarta asquerosa nem a pupa rotunda. Conquistei a liberdade que um dia todos vocês alcançarão, posso voar, beijar as flores. Evoluí, estou feliz.

Calorosamente saudada pela bicharada, a borboleta, por sua beleza, meiguice e simplicidade, foi aclamada rainha da Bicholândia.

Sendo-lhe lembrados os impropérios que lhe foram dirigidos pelo pavão e pelo tucano, respondeu com candura:

– Perdoemos-lhes, eles não sabiam o que diziam.

As fases vividas pela borboleta simbolizam as várias reencarnações a que os Espíritos se sujeitam na Terra.

Imperfeitos, arrastam-se penosamente em repetidas encarnações como lagarta; a seguir, melhorados, como crisálida, experimentam novas vidas, presos a provas e expiações; se não fazem o bem, tampouco praticam o mal, porém aprendem a amar e perdoar; depois, depurados, alçam voo, qual a borboleta, na grande lida para atingir a perfeição espiritual.

O PINTINHO PRETO

Mimosa, a galinha de penas brancas, ansiosamente aguardava o romper dos nove ovos que ela chocava havia vinte e um dias.

Finalmente, por volta do meio-dia, começaram a sair os pintinhos. Quatro brancos, três amarelos, um pedrês e o último todo preto.

Mimosa não podia disfarçar seu desapontamento. Logo ela, alva como a neve, mãe de um pinto preto! Melhor seria livrar-se daquele estorvo dando-lhe vigorosas bicadas.

Impossível, porém, foi-lhe executar a infeliz decisão. Diante dela, imperturbável e majestoso, olhar severo de reprovação, como que adivinhando os seus pensamentos, o galo impôs sua régia autoridade, bateu as asas, cantou alto e deu o seu recado:

– Hoje, meu galinheiro está em festa. Bem-vindos sejam os recém-nascidos, sem exceção. Quero todos bem cuidados, felizes e fortes.

Embora a contragosto, mas obediente à determinação do galo-chefe, Mimosa acolheu o indesejado filho preto sem, contudo, deixar de discriminá-lo.

Quando ciscava o terreiro, reservava aos oito filhos claros a maior e melhor parte do alimento encontrado, deixando para o filho preto as sobras rejeitadas pelos irmãos.

Ao deitar-se, abrigava debaixo de si, com desvelado amor maternal, os filhos prediletos, entretanto, mal permitia que o pintinho preto se aquecesse ao seu lado.

Por ironia, deram-lhe o nome de Ébano.

Quando adolescente, Ébano, humildemente, buscava dormir nas partes mais baixas do poleiro para não ouvir as queixas ou exclamações de enfado por ser ele o único negro na comunidade de aves claras.

Um dia, imaginou-se no galinheiro do quintal do vizinho, onde pretos, brancos e carijós conviviam harmoniosamente. Era só voar, transpor o muro e encontrar a felicidade.

Outra vez, imponente e cômico de sua responsabilidade de líder, o galo advertiu o pequeno Ébano:

– Li seus pensamentos infantis e despropositados.

– Como assim, Senhor?

– Você não pode desertar, esta é a sua casa. No vizinho, sem dúvida, você seria recebido como um intruso.

– Mas, Senhor, aqui eu sou repudiado. Como aceitar tamanha injustiça?

– Paciência, tolerância, compreensão, amor e perdão são os remédios. Até os humanos, que se consideram superiores e racionais, são vaidosos, preconceituosos, convencionais e injustos, precisam de muitas reencarnações para purgarem seus múltiplos pecados e procederem à reforma íntima. Dê você o bom exemplo e terá um futuro glorioso como pressinto.

Passados alguns meses, Ébano tornou-se o mais belo exemplar dos galináceos. Era robusto, apresentava um porte físico invejável, suas penas negras reluziam encantadoramente à luz do sol e em suas pernas destacavam-se dois temíveis esporões.

Certa noite, Ébano foi despertado por um tremendo tumulto. Correria, gritos, desmaios! Todos acovardados

ante a presença de uma raposa prestes a pegar a Mimosa.

Resoluto, o filho preto encarou a agressora desviando para si sua atenção e deixando Mimosa a salvo.

A valentia e os esporões agudos de Ébano rivalizavam com a astúcia e os dentes afiados da raposa. O combate parecia não ter fim; ambos sangravam quando a dona da casa, empunhando um cabo de vassoura, pôs a predadora para correr.

Na manhã seguinte, o galo-chefe falou solenemente:

– Ébano arriscou a própria vida para defender a mãe e a nós todos. Não poderia haver maior demonstração de coragem, de amor e de solidariedade. Alguém pretende dizer alguma coisa?

– Eu, que o rejeitei por ser preto, disse Mimosa, agora lhe peço perdão publicamente e desejo que todos saibam reconhecê-lo como o maior herói do nosso galinheiro.

Solene, porém muito emocionado, o galo-chefe sentenciou:

– Sinto-me velho e alquebrado, sem condições para permanecer no comando e defender a comunidade. Neste momento, por dever de justiça, passo a chefia para Ébano a quem todos devem obedecer.

A partir daquele dia, todos passaram a viver fraternalmente como uma grande família. Acabaram-se as diferenças, os preconceitos e as discriminações.

O mesmo ocorrerá com a humanidade quando os homens entenderem que os valores pessoais não podem ser atribuídos em função de cor, raça ou credo. Haverá, então, na Terra a tão sonhada justiça social, com “UM

SÓ REBANHO E UM SÓ PASTOR". E os povos conviverão em paz e harmonia.

O SUCESSOR DE ÉBANO

Ébano era um galo admirado e respeitado pela comunidade onde vivia.

Penas negras reluzentes à luz do sol, distinguia-se pelo belo porte físico altivo e garboso como soberano justo e guardião zeloso dos seus súditos. Nenhum intruso que se atrevesse a invadir seu território sairia impune.

Tido como o "Caruso" dos galináceos, seu canto forte e ritmado ecoava melodioso na redondeza, madrugada afora, saudando o próximo amanhecer, no que era acompanhado por galos de outros terreiros.

Sua fama correu mundo e muitos dos seus descendentes diretos foram vendidos a criadores renomados a preços muito acima da cotação de mercado.

Com o passar do tempo, porém, Ébano percebeu que a idade começava a pesar-lhe e fazia-se necessário pensar no seu substituto.

Chamou Ebâneo, Carijó e Ebóreo, os três frangos que lhe pareceram mais aptos a sucedê-lo e falou:

– Sinto aproximar-se o tempo de entregar o meu reinado a um galo jovem, capaz de dar continuidade ao meu trabalho de assistência, orientação e proteção ao galinheiro. Submetê-los-ei a um teste de competência para que a escolha seja imparcial e legítima.

– Entendo desnecessária a prova – replicou Ebâneo – eu sou o mais robusto e trago a herança de sua cor negra. Mereço ser o escolhido independentemente de competição.

– Se não sou o mais forte, sou o mais astuto. Nas penas, misturado ao branco da minha mãe, tenho também o preto do meu pai, marca da minha linhagem superior. A mim, portanto, deve confiar o comando – contestou Carijó, meio agastado.

– Meu pai, não sou corpulento nem desfruto da sagacidade do meu mano, minha plumagem mesclada de cinza e amarelo não identifica sua nobre paternidade – falou humilde Ebóreo – todavia, se permitir, tentarei provar que nem sempre a força bruta ou o arдил faz o líder de um grupo.

Ébano, compreensivo, ouviu pacientemente os vaidosos argumentos dos insolentes filhos Ebâneo e Carijó, seguidos da modesta exposição de Ebóreo, o rebento caçula. Recolheu-se em profunda meditação e, passados alguns minutos, decidiu:

– Vou demarcar três lotes de terreno, distantes um do outro, e designar nove galinhas jovens, escolhidas entre as mais rebeldes, para cada um de vocês. Ao fim do período de sessenta dias, vocês apresentarão perante toda a comunidade os resultados obtidos. Serei o juiz austero cuja sentença terá força de lei.

Na data aprazada, debaixo de grande expectativa, os três concorrentes perfilados diante do grande chefe relataram suas experiências:

– Precisei fazer valer minha força para impor ordem e submissão. Não fui bem compreendido, mas prevaleceu minha autoridade. Em consequência, ocorreram problemas emocionais que influenciaram negativamente na postura. Nada, entretanto, que, com o tempo, não se normalize – explicou-se o primeiro, acompanhado de um

séquito de galinhas seviciadas e tristonhas e de duas pequenas ninhadas.

– Estou satisfeito com os dez netos que você me deu. Ouçamos, agora, o que tem a dizer o Carijó.

– A violência não é do meu feitio – interveio o segundo –, com manha e muita lábia, consegui o apoio de algumas galinhas. Embora a metade delas ainda se mostre arredia, sou pai de quatro ninhadas. Vejam todos, são trinta e dois pintinhos.

– Acho-me feliz com suas conquistas e orgulhoso pelos netos. Passemos, então, a ouvir Ebóreo.

– Meu augusto pai – falou emocionado o terceiro –, realmente eram teimosas as esposas que me foram ofertadas, no entanto, com civilidade, aconselhamento e muito amor, pude transformá-las em companheiras fiéis e amigas devotadas. Hoje, fazemos uma família harmoniosa com oito ninhadas e cento e dez belos e saudáveis filhotes.

Transparecendo uma imensa alegria, Ébano sentenciou solene:

– Abençoado seja, ó filho querido! Você, que soube ser bom e equilibrado, ser amado e amar com pureza de sentimento, ser sincero em vez de artificioso, ser respeitado sem violência, é o escolhido para substituir-me em futuro próximo. Só o amor constrói e é capaz de vencer uma multidão de erros.

Houve intenso regozijo no galinheiro.

Compenetrado, o galo Ébano arrematou:

– Ebâneo e Carijó precisarão de muitas reencarnações para se libertarem da vaidade, do orgulho, da prepotência e da presunção que maculam suas almas.

Confirma-se uma vez mais o enunciado do Profeta Maior:
*"Na verdade, na verdade te digo que aquele que não
nascer de novo, não pode ver o reino de Deus".* (João,
3:3)

AMOR DE CACHORROS

Lilica é uma cadelinha Poodle vivaz, graciosa, sociável. Faz gosto vê-la, muito alva, com laço de fita vermelho na cabeça e corpete azul abotoado no dorso, passeando com Laura, sua dona, todas as manhãs, no calçadão da praia.

Para contrariedade de Laura, sempre que se aproximavam da mansão da esquina, Lilica começava a latir e latia sem parar, tentando passar entre os vãos do enorme portão de ferro. A moça preocupava-se uma vez que, pelo lado de dentro, um mal-encarado Fila Brasileiro avançava ruidoso a rosnar e punha à mostra suas presas ameaçadoras.

Custava-lhe afastá-la dali. Lilica insistia, atirava-se. De nada valiam as reprimendas de Laura. Diariamente, repetia-se a mesma cena. Lilica mostrava-se fascinada pelo cão, o Fila reagia cada vez mais agressivo.

Um dia, ocorreu o imprevisto. Bem próximo à mansão, Lilica foi atacada por outro cão de porte avantajado. Era sua sentença de morte e Laura nada podia fazer. Na mansão, o Fila ladrava desesperado dando peitadas no portão até conseguir abri-lo, tal a violência.

Houve uma luta de gigantes. Por fim, em desvantagem, o outro cão recuou, fugiu.

O Fila aproximou-se da cadelinha, lambeu-lhe cuidadosamente os ferimentos e sentou-se junto em posição de guarda. Duas lágrimas desprenderam-se dos seus olhos tristes. Os brutos também sofrem, também choram, sentem, amam.

Somente então Laura pôde compreender que o rosnar e a exibição de dentes do Fila não eram gestos de agressividade e, sim, uma demonstração de masculinidade, de força e vigor.

Os animais não se comunicam por palavras, entendem-se diferentemente dos homens, têm a sua linguagem.

Emocionada, a jovem acariciou a cabeçorra do cão, tomou Lilica nos braços, levou-a à clínica veterinária.

Passaram-se muitos dias sem que houvesse notícias de Lilica.

Hoje, de manhã, encontrei-a na mansão da esquina com seu laço vermelho e corpete azul. Laura postava-se pacientemente, à espera de que a cadelinha e o mal-encarado Fila se cheirassem, matassem a saudade, selassem o reencontro.

Como é belo o amor! O amor que desconhece fronteiras, o amor que não discrimina raças, que não tem preconceito de cor e de credo, o amor que acredita no futuro.

Quando os homens se amarem verdadeiramente, farão jus ao título de discípulos de Jesus, na medida exata do ensinamento encontrado em João (13:34-35 e 15:17):

"Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis".

"Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros".

"Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros".

O CAJU E A ABELHA

Numa praia afastada do perímetro urbano, o verde da viçosa vegetação contrastava com o branco de suas areias e o azul do mar calmo e morno.

Um córrego de água fresca e cristalina, serpenteando entre o arvoredo, completava a harmonia do ambiente, irrigava o solo fértil, contribuía para a fartura de frutas, o que, aliado à beleza da paisagem, fazia daquela enseada um oásis para os pescadores da região e um refúgio para os turistas mais afoitos ou os ousados aventureiros de excursões mais longas.

Tangido pela brisa marítima, um cajueiro contorcia-se em cadenciados e graciosos meneios para, orgulhosamente, exibir sua primeira florada.

Beija-flores, borboletas, abelhas volteavam entre as plantas, executando um bailado de raro encanto e exuberante policromia numa exaltação à criação e ao Criador.

Uma das abelhas, ao extrair néctar das flores do jovem cajueiro, encontrou o seu primogênito fruto e cumprimentou-o gentil:

– Bom dia, meu querido maturi! Fico feliz em vê-lo despertar para a vida. Já foste informado do futuro que te foi reservado?

– Sim, laboriosa operária da natureza. Tenho ouvido minha árvore-mãe, escutado os cajueiros mais velhos, conversado com os seres alados que nos visitam diariamente. Sei que meu pedúnculo crescerá; quando maduro, será suculento, rico em vitamina “C” e servirá

de alimento a quem me colher. Minha castanha será lançada à terra, germinará e dela brotará um novo cajueiro. Sei, enfim, que serei útil e esta certeza faz-me feliz.

– É bom saber-te consciente da tua missão no mundo e satisfeito com o teu destino. Parabéns!

– Sim, abelha, contudo uma coisa deixa-me entristecido e não encontro resposta para minhas indagações.

– Conta-me, filho, o que te aflige. Se me for possível, dar-te-ei o esclarecimento desejado.

– Paralelamente ao nascimento de novos frutos, vejo cachos e mais cachos de flores secarem sem que cumpram sua função de produzir. Morrem antes de fecundarem, tornam-se inúteis.

– Não é bem assim, meu cajuzinho preocupado. As flores que agora estão secas participaram da polinização de outras flores, ensejaram a explosão da vida em forma de novos frutos. Cairão em seguida ao solo, adubando-o, após passarem pelo processo de degradação. Completa-se o ciclo, confirma-se o enunciado científico: *"Na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma"*.

De pronto, o caju entendeu a lição e ficou a cismar monologando: a natureza é sábia, a obra de Deus é perfeita.

Assim, como o inexperiente caju, grande parte da humanidade, que ainda estagia na infância espiritual, não entende o alcance das decisões divinas. Por isso mesmo, quais abnegadas abelhas, uma legião de Espíritos evoluídos, sob a égide de Jesus, reencarnam na Terra para nos trazer com o exemplo e a palavra

ensinamentos calcados no Evangelho. Outros, igualmente dedicados, lá do plano invisível, através da mediunidade iluminada de servidores fiéis, transmitem os esclarecimentos que nos conduzirão ao crescimento espiritual. Ouçamo-los.

A PLANTA MALDITA

A meninada estava eufórica. Vovó Lúcia reuniu os doze netos e anunciou:

– Comprei uma fazenda. Fica a menos de vinte quilômetros da cidade e a pouco mais de meia légua da estrada principal. Vou mandar fazer uma reforma na casa grande, uma limpeza no riacho, um banho de bica e quadras para jogos.

– Uma boa, vó Lúcia! Nossos fins de semana serão ainda mais animados – comentou Eulália, a neta de quatorze anos.

O tempo que antecedeu a inauguração foi de ansiedade, de planos, de sonhos. Convidariam os colegas, organizariam corrida de saco, quebra-pote, cabra-cega, jogos de vôlei, torneios de futebol.

O grande dia chegou. Vovó Lúcia exultava, observava cuidadosamente a meia centena de crianças esbanjando energias numa explosão de contentamento.

À tardinha, durante uma acirrada partida de futebol entre os de camisa azul e os de vermelha, a bola, seguida pelo esperto Rubinho, ganhou distância indo alojar-se numa touceira, longe dos limites do campo.

De repente, um grito lancinante. Rubinho, apresentando vergões avermelhados nos braços e nas pernas, contorcia-se em desesperado pranto. A moita era de cansação, erva peluda de grande toxidez.

Muito contrariada, vovó Lúcia, sem poder conter a revolta, resmungava dizendo não aceitar a existência da “planta maldita” e de outras coisas nocivas. No seu

entender, houve uma perversão da natureza por um cochilo de Deus.

Seu Dadá, o morador encarregado do sítio, em tom conciliador, tentava convencê-la de que tudo na natureza é obra de Deus, tem sua função, é necessário, só precisa o homem descobrir sua utilidade.

No dia seguinte, a zelosa senhora ordenou que fossem arrancados e queimados todos os pés de cansanção, urtiga, tamearana e de qualquer outra erva que provocasse reações cutâneas dolorosas. Em sua propriedade jamais subsistiriam plantas daquele tipo. Era uma determinação.

Em pouco tempo, o jardim e a horta da vovó Lúcia estavam sendo dizimados por cotias e coelhos silváticos vindos da mata contígua.

De nada valeram iscas envenenadas, armadilhas, cercas de estacas protegidas com tapumes de palhas de coqueiro. Os roedores destruíam, principalmente, as plantações de batata e de cenoura.

Seu Dadá, profundo conhecedor da sabedoria popular, chamou a si a responsabilidade de combater a praga e pediu licença para resolver o problema a seu modo.

Em quatro meses, horta e jardim voltaram a exibir a exuberância das flores e das verduras, propiciando fartas colheitas.

Chamado a explicar o “milagre”, seu Dadá justificou:

– A natureza não erra, ela não pode ser ofendida, precisa ser respeitada. O homem não deve “matar” o que Deus fez, basta deixar no lugar certo.

Intrigada com o discurso do morador, vovó Lúcia replicou, cheia de curiosidade:

– Sim, concordo, mas quero saber o que, de fato, foi feito para que os detestáveis bichinhos sumissem.

– A patroa me desculpe, desobedeci à ordem de vossemecê. Do outro lado da cerca, onde os meninos não vão, fiz uma “cerca viva” de cansação com sementes que arranjei longe daqui. Os pelos da “planta maldita” queimam e ferem os focinhos dos bichos e eles fogem.

– Muito bem, seu Dadá, agora entendo... O senhor fez ressurgir o que a ciência chama de “equilíbrio ecológico” e que eu, em minha ignorância e prepotência, havia destruído. O senhor é que está certo! Dou minha mão à palmatória!

O assunto ficou encerrado, entretanto o rústico trabalhador da terra, ferrenho defensor da natureza, cresceu no conceito da vovó Lúcia, que passou a comentar:

– Até quando os homens desconhecirão e desrespeitarão as leis da natureza? Até quando Deus – a infinita sabedoria – será desconsiderado por nossa tola presunção?

Responderemos à vovó Lúcia. Malgrado nossa rebeldia, a cada nova encarnação aprendemos um pouco dos muitos “mistérios” que envolvem a humanidade. A cada nova experiência a que o espírito se submete no corpo material, ele adquire mais conhecimentos e sobe um degrau na grande escala evolutiva a caminho da perfeição.

Por tudo isso, Jesus asseverou: *"Em verdade, em verdade, digo-te: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo"*.

Indubitavelmente, a reencarnação é fator imprescindível para o progresso espiritual.

A MATEMÁTICA DO VOVÔ

Chovia copiosamente. Eu, frustrado por não poder ir à praia, dar meus mergulhos, fazer o “cooper”, apreciar as sereias, estava sentado na cadeira de balanço, dando asas aos meus pensamentos, quando fui abordado por minha netinha Laís que, na época, tinha seis anos de idade.

Meiga e comunicativa, entre carícias e manhas, perguntou-me com sua inocente naturalidade:

– Vô, quantos anos você tem?

– Sessenta, minha querida, respondi prazenteiro.

– Xi!... está bom de morrer!...

Passada a crise de riso, bem humorado, argumentei:

– Você tem seis, eu tenho sessenta anos, mas nossas idades se equivalem. É só uma questão de modo de ver, ou, como dizem os adultos, de ângulo de observação.

– Como pode ser, vô? Não entendo.

– A matemática do vovô explica. Quer ver?

– Quero, estou curiosa. Mostre-me logo.

Com caneta e papel à mão, iniciei a aula de minha matemática particular. Somo os valores absolutos dos Algarismos da minha idade, assim: $6 + 0 = 6$, a sua idade. Daqui a seis anos, você terá 12 e eu, 66 anos. Faço o mesmo processo: $6 + 6 = 12$, também sua futura idade. Entendeu?

– Acabou-se, vô? Você morre com 66 anos? Indagou Laís com as mãos nos quartos.

– Espero que não... E, se você quiser, posso continuar com a mesma progressão aritmética tendo como razão a

sua idade. Vamos ver. Passando-se mais seis anos, você estará com 18 e eu com 72. Agora some os seus algarismos e eu somo os meus: $1 + 8 = 9$; $7 + 2 = 9$. Viu? Ainda estamos com os mesmos valores.

– Não, assim não, o vovô mudou a forma de calcular. Não vale. É enrolação!

– Ora, Laís, falei que é questão de ângulo de observação. As coisas mudam, a gente precisa adaptar-se aos novos tempos. Deseja continuar ou se dá por vencida?

– Mande brasa, vovô, você é um sabidão!

– Junto mais seis anos e você terá 24, $2 + 4 = 6$. Eu 78, $7 + 8 = 15$, o que resulta $1 + 5 = 6$. Nesta mesma progressão você alcançará os 30 e os 36 e eu terei 84 e 90 anos e uma bengala na mão. Então: $3 + 0 = 3$, $8 + 4 = 12$, daí $1 + 2 = 3$. Depois, $3 + 6 = 9$, $9 + 0 = 9$. Sempre chegamos aos mesmos resultados. Conclusão: você é tão “velha” quanto seu avô ou eu sou tão “moço” quanto minha neta.

– Vovô, e quando eu fizer 42 anos?

– Façamos a conta: $4 + 2 = 6$. Ah! já sei... Meu corpo deverá estar na cova nº 6 do cemitério e minha alma de volta à Pátria Espiritual, prestando contas do que fez e deixou de fazer; feliz ou em sofrimento porque *"a cada um será dado conforme suas obras"*. Ninguém escapa da lei.

– Vovô, eu não quero que você morra. Vou ficar muito triste.

– Diga saudosa em vez de triste. A morte não existe como comumente se pensa, não é o fim de tudo. Ocorre, sim, a desencarnação e o conseqüente retorno da alma à

espiritualidade, o lugar de onde se vem quando se renasce aqui na Terra. Depois, com a desencarnação, volta-se para a grande família espiritual.

– E de lá, vovô, você pode ver a gente?

– Sim, o vovô estará vendo seus queridos netinhos e rezando por eles. Mas, enquanto tenho você no colo, vamos continuar apreciando suas idades em comparação com os capítulos correspondentes do *Evangelho segundo o Espiritismo*. Vejamos:

Capítulo 6 – O Cristo Consolador – O Jugo Leve;

Capítulo 12 – Amar os Vossos Inimigos – Pagar o Mal com o Bem;

Capítulo 18 – Muitos Chamados e Poucos Escolhidos;

Capítulo 24 – Não Coloqueis a Candeia sob o Alqueire.

– E o que quer dizer cada capítulo?

– Com seis anos, você já deve sentir Jesus em seu coraçãozinho como o Cristo Consolador e entregar-se ao Seu jugo que é suave e tomar o Seu fardo que é leve. Aos doze anos, saber amar integralmente e sempre retribuir com o bem todo mal que lhe fizerem. Completando dezoito anos, estar devidamente preparada para ser uma das escolhidas para participar do Festim do Senhor. Seja você, aos vinte e quatro anos, uma candeia acesa colocada em lugar elevado para que possa ser vista por todos e iluminar aqueles que estiverem ao seu redor.

– Ah! meu vovô, quero ser uma boa menina para você gostar muito de mim.

Disse-lhe ainda que Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida e que ninguém vai ao Pai senão por Ele.

Orientei-a no sentido de orar e vigiar não se afastando jamais do bem, do amor, do perdão, CAMINHO que conduz a Jesus.

Incentivei-a a alçar voos mais altos buscando a VERDADE pura, sem ilusões fantasiosas, sem dogmas escravizantes de consciências, sem os rituais dos primitivos e adoração a ídolos herdados do antigo paganismo.

Exortei-a a seguir os passos do Senhor, exemplo sublime de VIDA para a humanidade.

A emoção não me permitiu continuar. Abracei minha netinha pedindo a Deus que abençoasse aquela alma meiga, tão cheia de amor e ternura.

Escoaram-se quase oito anos no implacável calendário do tempo. Hoje, 2 de abril de 1998, Laís completa quatorze anos e, em breve dias, atingirei os sessenta e oito.

Ela é uma linda adolescente, formoso botão de rosa desabrochando para a vida, enquanto eu entro em declínio físico, entretanto meus olhos de "avô coruja" veem nela a mesma menina dócil, amorosa que, em sua ingenuidade, achava que o vovô devia morrer por ter sessenta anos.

Parabéns, Laís, no dia do seu aniversário!

O vovô é vidrado em você.

O SUPER RICO

Sorriso pra valer toda vez que me recordo das “tiradas” do Ricardo, meu sétimo neto, carinhosamente chamado de Rico pelos familiares.

Minha saudosa mãe adorava ouvir suas histórias, respostas ou perguntas sempre apoiadas em lógica irretorquível, presença de espírito e fino humor. Afirmava repetidas vezes ser o Rico um espírito velho que sabia das coisas.

Mamãe recomendava que anotássemos tudo para que nada caísse no esquecimento. Hoje, lamento muita coisa já não mais lembrada.

Certo domingo, quando tinha cinco anos de idade, sua mãe, a minha filha Vânia, levou-o à praia de Guaxuma, em companhia de sua irmãzinha Natália e de um primo. Na pressa e na euforia de estrear o “buggy”, esqueceu a bolsa com documentos e dinheiro.

Na volta, o vexame. O guarda de trânsito, à falta da apresentação do documento do carro, da carteira de motorista e até da identidade, informava autoritário que o veículo ficaria apreendido.

De nada valeram a justificativa de esquecimento e o apelo patético em nome das três crianças. O guarda estava irredutível, afirmava estar agindo de acordo com as normas vigentes, cumprindo o regulamento, obedecendo a ordens.

A argúcia do Rico manifestou-se no momento próprio, ao interpelar a genitora:

– Mãe, você não está vendo que ele quer um dinheirinho? Dê logo e ele deixa a gente ir embora!

Antes da repreensão materna, veio a resposta da “autoridade”:

– Veja, senhora, que garoto inteligente! Num instante, achou a solução adequada!

E lá se foi a única cédula de cinco mil cruzeiros encontrada na sacola do protetor solar.

De outra feita, na nossa casa de praia da Barra de São Miguel, hospedou-se um casal amigo. Ela alva, ele preto. Um contraste para os preconceituosos e maledicentes.

Na manhã seguinte, meu cunhado chamou o Rico:

– Venha cá, negão! Sente aqui, junto do tio.

A resposta veio na hora e contundente. Apontando para o pavimento superior, replicou:

– O negão está lá em cima, dormindo.

Assim é o meu neto. Vivo, perspicaz, irreverente, peralta como qualquer menino da sua idade, mas capaz de sustentar uma conversação de adulto.

O Rico parado, imaginativo, é um perigo. Pode esperar, vem bomba.

Aos nove anos, revelou mais uma vez toda a sua curiosidade, capacidade de raciocínio e independência de pensamento religioso. Malgrado, naquela época, estudar no Colégio Santíssimo Sacramento, de rigorosa orientação católica, saiu-se com uma pergunta que gerou um interessante diálogo:

– Mãe, você é espírita, não é?

– Sim, filho, sou espírita por opção, por convicção.

– Papai é católico por quê? Como é possível marido e mulher não serem da mesma religião?

– É, sim, porque há o respeito mútuo ao direito de pensar livremente, sem preconceito, sem intolerância ou intransigência. Se todos pensassem e agissem desse modo, não teria havido nem aconteceriam mais as perseguições e guerras religiosas. O mundo estaria hoje mais cristianizado.

– Qual a diferença entre católico e espírita?

– Filho, os caminhos são diversos, contudo a meta é uma só – Deus. Na essência, todas as religiões são boas, ensinam o bem e o amor. Em alguns casos, os homens, por ignorância, vaidade, ambição desmedida ou por outros interesses inconfessáveis, mistificam, distorcem o verdadeiro sentido doutrinário de sua crença.

– Sim, mas eu quero saber a diferença. Você não respondeu!

– Entenda, o Catolicismo e o Espiritismo abraçam como fundamento o Evangelho de Jesus. As diferenças estão na interpretação e aplicação de alguns textos. O Espiritismo é a revivescência da pureza e singeleza do primitivo Cristianismo; firmemente apoiado nos três colossais pilares – CIÊNCIA, FILOSOFIA, RELIGIÃO – rejeita o misticismo, questiona o miraculoso, aceita princípios que não se choquem com a razão e possam ser cientificamente comprovados. O Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus.

– Quais são os textos, quais as interpretações?

– Vamos ao principal. O Catolicismo adota como dogma de fé a teoria de que a alma é criada por Deus no momento da concepção, que o espírito tem uma única encarnação, ou seja, apenas uma vida na Terra e, dependendo de como viveu, depois da morte, vai para a

ociosidade de um céu de eterna glória e contemplação da divindade, ou para o inferno de sofrimentos sem-fim, sem remissão. É a ideia de um Deus rígido, sem misericórdia.

– Um céu só de contemplação deve ser muito chato e esse tal de inferno, uma “barra pesada” que não tem nada a ver com a bondade de Deus! Como é a versão espírita?

– O Espiritismo ensina que os espíritos são criados por Deus, simples e sem sabedoria, aos quais são permitidas inumeráveis vidas neste ou em outros planetas dos bilhões de sistemas planetários que povoam a imensidão do universo.

– E por que viver tantas vezes?

– Para aprendizagem e para a grande busca do aperfeiçoamento até a angelitude. Deus não condena nenhum de seus filhos à perdição, ao contrário, querendo que não se perca um só deles, dá-lhes sempre novas oportunidades de corrigenda. É a lei reencarnacionista. Assim se manifestam a justiça e a bondade de Deus.

– Reencarnação tem lógica!... então, eu sou espírita.

– Quem falou a você de reencarnação? De onde tirou essa certeza de que é uma verdade?

– Ninguém falou, mas eu sei, está dentro de mim. Se houvesse uma só vida, quem nascesse pobre estaria no prejuízo.

– Gostei, Rico, do seu raciocínio!

– Fale mais, mamãe, também estou gostando.

– Na hipótese de uma única vida, como entender a Suprema Justiça? Uns nascem com todas as

possibilidades de uma vida normal, têm família organizada, situação financeira estável, meios de estudar, trabalhar, crescer, melhorar-se. Outros nascem em completa penúria, falta-lhes o básico, são párias da sociedade. Somente a reencarnação explica tais desníveis, como meios de reparação de delitos cometidos no passado. Deus, por ser justo e bom, oferece-nos renovadas chances; nós, pecadores recalcitrantes, escolhemos as provas para nossas almas endividadas. Encerrada a conversação, Rico recolheu-se introspectivo como é comum quando as "ideias" lhe assediam a mente.

Ao despertar, voltou a indagar:

– Mamãe, quando eu for reencarnar, posso nascer seu filho outra vez?

– Em princípio, pode, é uma escolha. Deus, entretanto, sabe melhor o que é bom para nós.

– Então, eu vou pedir a Deus.

– Você gosta tanto assim da mamãe para querer ser meu filho de novo?

– Gosto, sim, nosso relacionamento é antigo. Vivemos juntos em muitas outras vidas.

Minha mãe tinha razão. O Rico é um espírito "velho", vivido, guarda latente nos refolhos da alma um acervo de conhecimentos adquiridos em múltiplas experiências reencarnatórias, esboçado em sua personalidade forte e generosa.

Hoje, Rico, dia 29 de março de 2000, você completa quatorze anos, é o adolescente que transita daquela fase infantil de rara graciosidade para a de adulto responsável, perquiridor.

Continue o bom filho, o bom irmão que você é. Seja o cidadão honesto, ordeiro, trabalhador e fiel operário da Seara de Jesus.

Vovô admira-o, ama-o com ternura.

A PEDINTE

Manhã fria de rigoroso inverno. Quitéria, menina de oito anos de idade, abandonada pelos pais, ignorada pela sociedade, atormentada pelo frio e pela fome, mendigava à porta de tradicional colégio de aristocrático bairro da cidade.

Poucos notavam-lhe a presença, ninguém se compadecia de sua desventura.

Bem nutrido, ricas roupas de lã, acompanhado por um senhor de semblante austero, Audálio desceu de luxuoso carro importado, num gritante contraste com a pobre aparência da magrizela Quitéria.

Estavam ali, frente a frente, a opulência e a miséria.

Cruzaram-se os olhares de Audálio e de Quitéria que, triste, mãos estendidas, suplicou:

– Piedade, tenho fome e frio!

Com um gesto brusco, o Sr. Alcântara impediu Audálio de entregar à faminta o seu lanche.

– Pai, eu estou alimentado, ela tem fome. Deixe-me socorrê-la.

– Não. Não nos devemos imiscuir com esse tipo de gente. A responsabilidade é do governo, para isso pago pesados impostos.

– Ela tem frio, permita-me ao menos cobri-la com meu casaco.

– Nunca! Seu casaco custou-me trezentos e cinquenta reais! Quer jogá-lo fora? Quer porventura arruinar-me com suas penas desmedidas? Ademais, sem ele, você poderia apanhar um resfriado. Entre imediatamente.

Após reiteradas recomendações ao diretor da escola para não permitir a Audálio transpor o portão do colégio em momento algum, Alcântara saiu em disparada, indiferente ao sofrimento da menina, preocupado somente com os milhões que lucraria no negócio a ser consumado naquela manhã.

Audálio, porém, armou um plano para fazer chegar sua merenda às mãos de Quitéria. A coleguinha Júlia seria a intermediária; o porteiro, o cúmplice. Tudo combinado, o esquema foi posto em execução.

Estava escrito, o infortúnio visitaria a alma do pequeno Audálio. Na hora do recreio, duas notícias vieram magoar aquele coração sensível. Quitéria, resignadamente, partira do mundo material antes de receber o alimento salvador; seu pai, vitimado por acidente de trânsito, falecera blasfemando em lastimoso estado de revolta.

Passados alguns meses, certa noite, Audálio sonhou que entrava no paraíso. Recebido por Quitéria que parecia radiante, emoldurada por suave luz azulada, comentou:

– Fico alegre por vê-la sem as marcas da adversidade, tão bela, tão feliz, contudo preocupo-me com meu pai. Onde e como estará seu espírito?

– Meu bom amigo, por isso mesmo, você foi chamado a vir ao meu encontro. Seu pai padece no umbroso vale dos desesperados a dor daqueles que descuraram dos deveres cristãos, levado pela vaidade e ambição sem limite.

– O que posso fazer para salvá-lo?

– Precisamos ajudá-lo. Pedi e foi-me concedida a oportunidade de, em breve, reencarnar. Do nosso consórcio, nascerá o Sr. Alcântara, filho que amaremos e

a quem conduziremos pela trilha do reajustamento espiritual. Aceita?

– Sim, tudo farei por meu pai. Além do mais, unir-me a você pelo matrimônio é uma dádiva divina! Amei-a à primeira vista, parece inexplicável!

– Oh! Que tolice achar inexplicável o seu súbito sentimento! É muito natural que tenha ocorrido, pois, há séculos, estamos ligados por um afeto fraternal, em múltiplas reencarnações. Na verdade, houve apenas um reencontro.

Audálio despertou em pranto. Não se lembrava detalhadamente do sonho; sabia, entretanto, que se encontrara com a pedinte da porta do colégio, que seu pai recebera o perdão incondicional daquela menina que, na Terra, vira apenas uma vez e, mesmo assim, a amou profundamente e que um pacto de amor havia sido selado sob a égide do Senhor.

Ela voltaria, ele esperaria. Assim, Audálio sentia manifestar-se a sabedoria e bondade de Deus.

O TALISMÃ

Na bateia de um garimpeiro amador, encontraram-se duas pedras de classes totalmente distintas.

A primeira, um simples seixo de tamanho razoável, forma ovalada, estava sendo rudemente criticada pela outra pedra, um diamante vaidoso e prepotente:

– Dizem os homens que, quando estão de azar, caem de costas e quebram o nariz. Sucedeu comigo agora!

– Por quê? – indagou o humilde seixo sem aperceber-se da ironia. – Algo de ruim aconteceu conosco?

– Conosco não! Comigo somente. Eu, uma pedra preciosa de inestimável valor, ser garimpada juntamente com um pedregulho tão abjeto.

– Perdoe-me, senhor diamante, não foi por minha culpa. Se tivesse movimento próprio, voltaria ao leito do rio. Gosto de ser acariciado pelos peixinhos quando procuram alimento no limo que se cria sobre mim.

– Ao rio não quero voltar. Tomara que esse homem tenha o bom senso de vender-me a um joalheiro de categoria e reconhecidamente famoso.

– Oh! O belo diamante quer ser vendido? Para quê?

– Bem logo se vê a sua crassa ignorância a respeito da vida, da fama e da glória.

– Realmente desconheço o que o senhor chama de glória. Para mim, ser parte integrante da natureza é uma dádiva divina; a nada mais aspiro além da oportunidade de servir.

– Servir está fora das minhas cogitações, interessa-me cair nas mãos de joalheiro hábil. Sei que passarei pelo

penoso processo de lapidação, porém, findo o martírio, serei um brilhante de altíssima cotação e, para maior exaltação do meu orgulho, poderei ficar engastado no anel de um milionário, reluzir no colo de uma dama da alta sociedade ou mesmo adornar a coroa de um monarca de grande expressão mundial. Não será isso a consagração?

Admirado com o diálogo das duas pedras, o garimpeiro recolheu-as em bolsos separados de sua calça e retornou pensativo ao lar.

Terminado o almoço, Teodoro chamou o filho adolescente e comentou:

– Veja, Alceu, a garimpagem de hoje foi favorável, apanhei um diamante e um seixo. No próximo fim de semana, iremos à cidade vender a pedra preciosa que nos dará um bom dinheiro e guardaremos o seixo como um talismã.

– Pai, por que reter uma pedra comum, sem o menor valor, e vender o diamante que poderia ficar como um patrimônio da família?

– Alceu, meu filho, o seixo veio junto com o diamante provavelmente obedecendo a uma força superior. São de naturezas opostas, uma simboliza a soberba, a outra representa a simplicidade. Guardemos aquilo que se afina com a nossa própria modéstia.

– Papai, gostaria de possuir o diamante como uma relíquia. Entende-me?

– Filho, as joias valiosas provocam a inveja, açulam a vaidade, despertam a ambição; a história da humanidade registra lamentáveis casos de traições, perseguições, furtos, assaltos e crimes hediondos incitados pela cobiça

de possuí-las. Guardar em casa semelhante tesouro corresponde à perda da tranquilidade, enquanto a insignificante pedra pode ser-nos útil de algum modo. Uma semana depois, pai e filho navegavam em direção à cidade grande.

De súbito, a frágil embarcação foi de encontro a uma pesada tora de madeira que boiava perdida no rio.

Pelo rombo aberto na proa da canoa, entrava água com tanta rapidez que Alceu não conseguia, ao menos, manter um nível aceitável. Afundar seria questão de minutos.

Aflito, Teodoro insistia com o filho:

– Apresse-se, Alceu, se não tirar a água com mais ligeireza, iremos a pique antes de alcançarmos a margem.

Apavorado com o prenúncio de um trágico desfecho, o diamante choroso exclamava:

– Desgraça total! Eu que me julguei predestinado a um futuro de infinita celebridade, vejo-me condenado a ser sepultado no fundo lamacento deste rio em companhia de uma reles pedra. Triste ironia do destino!

– O fundo do rio não me assusta, estou acostumado à obscuridade. Seja como Deus determinar – replicou o seixo com resignação.

Teodoro, ao ouvir a conversa das duas pedras, foi iluminado por uma ideia salvadora e, abrindo um sorriso franco, falou:

– Alceu, meu filho, pegue aqui o seixo e tape o buraco da canoa.

Rapidamente, o rapaz envolveu a pedra na camisa, arrolhou-a no furo estancando o jorro d'água.

Hora e meia depois, chegaram a um estaleiro perto da cidade, onde deixaram a embarcação para o necessário conserto.

Emocionado, apertando o seixo contra o peito, Alceu, em sinal de reconhecimento e respeito, declarou:

– Pai, mais uma vez a razão está do seu lado. No sufoco por que passamos, nenhuma pedra preciosa teria sido tão valiosa quanto o nosso talismã.

– Filho, bom que você aprendeu a lição. Tudo tem o seu lado positivo. O que, às vezes, nos parece imprestável em determinadas circunstâncias é de superlativa importância em outro contexto.

Qual o presunçoso diamante, também a humanidade não costuma entender o valor dos *"simples e humildes de coração"* ou *"os pobres de espírito"* referidos no Evangelho, esquecida de que, pela reencarnação, todos nós passaremos pelas diversas experiências de vida nos mais variados aspectos e matizes, em permanente processo de lapidação, aparando arestas, superando más tendências, corrigindo erros, aprendendo a amar, perdoar e servir desinteressadamente até que completemos o nosso aprimoramento espiritual.

O PACIENTE IMPACIENTE

Alcindo era um bom rapaz, bom filho, amigo sincero. Sua boa imagem, contudo, maculava-se às vezes pela impulsividade do seu caráter ou pela sofreguidão que o acompanhava em todos os momentos de sua vida.

Apesar de inquieto, gostava de demorar-se horas a fio, sentado à sombra das mangueiras, no sítio do seu tio Maneco, ouvindo a história do passado familiar e as estórias de aventuras fantásticas contadas pelo seu velho ascendente, por quem nutria respeito e profunda admiração.

Deleitava-se, inclusive, com os chistes bem humorados que sempre encerravam primorosas lições de vida e verdades ocultadas pela presunção humana.

O tio Maneco, homem rude do interior, de escolaridade apenas primária, era para Alcindo o símbolo da virtude, da sabedoria inata e do saber adquirido ao longo de sua profícua existência de homem da roça.

Gabola pela fama de bom piloto e de corredor sem igual, o treloso jovem, certa feita, ouviu do tio esta advertência:

– Deixe de tanto vexame, menino, “é melhor ser paciente na estrada do que impaciente no hospital”.

Nosso jovem herói, sem assimilar de pronto o sentido e o alcance do que ouvira, contestou:

– Tio, quem se interna num hospital é paciente e não impaciente. Diga assim: É melhor não ser impaciente na estrada para não se tornar paciente no hospital. Entendeu?

– Não, Alcindo, os impacientes vão para o hospital. Temo por você. Continuando a dirigir como um motorista irresponsável, terminará compreendendo por experiência própria a lógica do que lhe digo.

Certa feita, após ter praticado manobras radicais na estrada que liga a cidade ao sítio, movido pela vaidosa pretensão de chegar antes de todos, Alcindo sofreu sério acidente automobilístico.

Após superar o coma de uma semana na UTI, guardou o leito do hospital por longos dias de sofrimento, angústia e desespero.

Quando visitado por Maneco, desmanchou-se em lágrimas comentando:

– Tio, naquele dia, o tráfego na estrada estava intenso, anormal. Na ânsia de chegar primeiro, apertei o acelerador. De repente, numa derrapagem, o carro rodopiou descontrolado. Senti o impacto de uma colisão violenta, tudo escureceu, nada mais vi. Despertei aqui, onde curto dor e arrependimento. Impacienta-me a situação de não poder movimentar-me.

– Ah, filho, tivesse você sido paciente na estrada, agora não estaria impaciente no hospital. Aprendeu a lição?

Assim como o incauto Alcindo, há um sem-número de pessoas que, por falta de precaução, prejudicam-se e causam transtornos a outras pessoas. Precisarão de novos períodos de aprendizado em outras reencarnações para se reajustarem e adquirirem a virtude da paciência.

O PRIMEIRO PASSO

A estrada era de barro, estreita, poeirenta, castigada por inclemente canícula. Às margens do caminho, a vegetação ressequida pelo causticante sol nordestino denotava a ausência de água por meses a fio.

Percorrer dezenas de léguas no lombo de um jumento, curtindo sede, padecendo fome, parecia tarefa impossível para um ser humano comum.

Movido, porém, pelo ódio que torturava sua alma, açoitado pelo louco desejo de vingar o assassinato do pai, José, resoluto, avançava imprudentemente, desafiando a resistência do animal que lhe servia de montaria.

Passara toda a noite no velório, remoendo a ideia de vindita contra aquele que tirara a vida do seu genitor. Imediatamente após o sepultamento, sem os necessários preparativos para a penosa viagem, montou um velhusco jegue e partiu apressado.

No difícil trajeto, relembrava sua infância feliz junto ao querido pai, a extremada bondade paterna para com todos, a invulgar sabedoria daquele homem rude que soube ser íntegro e virtuoso, mesmo vivendo em ambiente hostil. As recordações angustiavam o coração endurecido de José que, a todo momento, exigia mais do fatigado animal.

Passava um pouco das três da tarde, o pobre jericó extenuado tropeçava em cada pedra da estrada até tombar inerte, ornejar e desfalecer.

José não desistiu, prosseguiu a pé, arrostando todas as dificuldades, desafiando os próprios limites.

Com os pés feridos, os lábios rachados, febril, semi-inconsciente, José caminhou por mais meia hora e desmaiou esgotado, vencido pela sede, pela fome, pelo cansaço.

Em seu delírio, reviu o pai nimbado de tênue luz, o olhar tristonho e a voz comovida que lhe sussurrava aos ouvidos:

“Filho, o ódio embrutece e a vingança arruína, o amor adorna a alma de luz e o perdão enobrece. Seu rancor enche de trevas o seu coração e por isso prende o meu espírito ao mundo material do qual preciso libertar-me para subir a paragens superiores. Desci à Terra como homem para encaminhá-lo na senda do bem e você tem relutado em seguir meus exemplos. Do alto da cruz, Jesus perdoou aos seus algozes, também eu perdoei a meu verdugo. Faça o mesmo, perdoe para ser feliz. Ninguém é totalmente mau, hoje mesmo você terá a prova disso”.

Momentos depois, José despertou sob os cuidados de alguém que lhe dava água e o alimentava com rapadura. Com os olhos ainda anuviados, não distinguia o seu benfeitor, contudo sentia-se reconfortado e agradecido.

Já refeito da exaustão física, no total domínio dos sentidos, José, emocionado, contempla o azul do firmamento, rememora embevecido a visão e os conselhos do pai, alça o pensamento a Jesus suplicando forças para poder esquecer as ofensas recebidas.

Cruel surpresa o aguardava; tinha diante de si o carrasco do seu pai, o mesmo homem que o socorrera

amistosamente. Foi como se um pedaço do céu desabasse sobre ele. Teve ímpeto de investir e trucidar quem minutos antes o salvara. Conteve-se, retrocedeu em seus propósitos belicosos. Disfarçou, agradeceu e retirou-se sem se identificar. Seu jumento também estava de pé, havia descansado, retornaram juntos.

José não perdoou de pronto, sentia-se ainda ferido e magoado, mas não se tornou um criminoso.

A oração ajudou-o a vencer a luta contra a tendência malsã. Prevaleceu o ensinamento de Jesus, contido em Mateus, cap. XXVI, v. 41: "VIGIAI E ORAI PARA QUE NÃO ENTREIS EM TENTAÇÃO".

Foi dado o primeiro passo para a regeneração daquela alma.

AJUSTE DE CONTAS

Augusto, jovem de 23 anos, levava uma vida normal dentro dos padrões aceitos pela sociedade contemporânea, até o momento em que passou a conviver com medonhos pesadelos que se repetiam noite a noite.

O moço alegre, comunicativo e senhor de si tornou-se sorumbático, arredio e inseguro. Passava insone longo período noturno e somente de madrugada, vencido pelo cansaço, conseguia dormir. Entretanto, seu sono não era tranquilo, pois se via visitado por terríveis visões e, vezes sem conta, despertado por alucinantes gritos acusatórios.

Deprimido, amedrontado, perguntava a si mesmo: Por que tanto sofrimento? Que fiz eu para merecer tamanho castigo?

Para maior desalento de Augusto, ressoava em seus ouvidos a pavorosa sentença pronunciada por trovejante voz de inimigo oculto:

– Traidor, assassino, despudorado...

Tal situação trazia-lhe problemas no trabalho, comprometia seu relacionamento com colegas e amigos. Assustadigo, desconfiado, suspeitava de tudo e de todos; definhava a olhos vistos.

Certa noite, incômodo torpor inundava-lhe o ser. Aflito, empapado de suores, escutava com estranha nitidez o aterrador libelo proferido por desafeto invisível:

– Agora sirvo-lhe a taça da qual sorverá, gota a gota, o fel por você mesmo destilado para aqueles que você

elegeu como adversários, transformando-os em vítimas indefesas da sua crueldade. Rirei de você, sem dó, sem piedade; regozijar-me-ei com seus imensos padecimentos e sentir-me-ei vingado das dores, das humilhações e angústias suportadas ao longo de séculos incontáveis. Não lhe darei o perdão, muito ao contrário, fá-lo-ei ouvir o clamor da minha voz que acusa, sentir a força da minha mão vingadora, experimentar a execração pública.

Augusto despertou sob o peso de dolorosa impressão. Não se sentia louco, mas acreditava-se vitimado por momentânea alucinação. Chorou, debateu-se em tremendo desespero até que, exausto, mergulhou em profundo sono.

Não suportando manter em segredo a sua desdita, motivo da brusca mudança de comportamento, Augusto procurou seu chefe, no escritório onde trabalhava, contou com detalhes todo o drama que estava enfrentando, pediu aconselhamento.

Após escutar atentamente a minuciosa narrativa do seu subalterno, Apolônio sorriu com desdém e disse:

– Augusto, com a minha longa experiência de vida, afirmo que você se ressentido de um esgotamento nervoso, ou está estressado, como se diz atualmente; não há nada que não possa ser solucionado com um bom descanso. Se aceitar, antecipo suas férias para o merecido repouso. Você aproveita, consulta um psiquiatra e ficará novinho em folha. Coragem, rapaz, trate-se e volte.

Não sou louco, não estou doente, repetia Augusto de si para consigo, o Sr. Apolônio pôs brasas sobre mim.

Dias depois, orientado por uma colega, senhora de bons propósitos, o jovem visitou o padre do bairro, relatou-lhe em confissão a cruciante experiência vivida e, expectante, aguardou o veredicto. Ouviu escandalizado:

– Meu filho, é o diabo à procura de mais um inquilino para o inferno. Reze um terço por nove dias seguidos, faça penitência, ofereça uma oblata a Nossa Senhora da Piedade, não esqueça as espórtulas e, se o mal persistir, somente o exorcismo o libertará.

Insatisfeito, Augusto foi ao encontro de um ministro evangélico, expôs as amarguras que lhe foram impostas, sem entender o porquê de tamanhas agruras. Desmedida, porém, foi a nova desilusão. Entre emocionado e exaltado, o pastor diagnosticou:

– Satanás apossou-se do seu corpo e quer levar sua alma às profundezas do inferno. Filie-se à nossa igreja, receba as bênçãos do batismo, contribua com o dízimo e tiraremos você das garras do Belzebu.

Tem-se dito que o Espiritismo será aceito por amor ou pela dor. O sofrimento, a incerteza, a dor levaram Augusto a um Centro Espírita. Surpreso, observou que, na Casa Espírita, não se cogita de demônio; mencionam-se respeitosamente os nomes de Deus, de Jesus, de Maria de Nazaré, fala-se em amor, em perdão, em caridade, em renúncia, em reforma íntima; não há envolvimento com interesses financeiros. Admirado, ouviu as primeiras referências sobre reencarnação, sobre a lei de causa e efeito, ou seja, o nosso hoje é reflexo do nosso ontem, tanto quanto o nosso futuro será produto do nosso presente. Finalmente, compreendeu não existir o satã, mas irmãos desencarnados ainda ignorantes que,

dominados pelo ódio, rancor e sentimento de vingança, pretendem fazer justiça com as próprias mãos e que, por isso mesmo, necessitam ser esclarecidos, doutrinados e, sobretudo, perdoados.

Nosso herói integrou-se ao movimento espírita, assimilou a sublime doutrina de Jesus, aprendeu a perdoar aos inimigos, modificou-se interiormente. Passou por um trabalho desobsessivo. Os antigos inimigos, convencidos dos seus enganos, perdoaram-se reciprocamente, reconciliaram-se.

Augusto voltou a ser o moço alegre, comunicativo e ainda mais senhor de si.

Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade!

O MILAGRE DO AMOR

Vovó Zefa, em seu quarto singelo, nos fundos da casa grande, sentada em tosco banco de madeira, fazia renda de almofada movimentando os bilros com seus dedos ágeis.

De repente, pesado sono envolveu-a, turvou-lhe a visão, embotou-lhe a consciência, deixando-a reclinada sobre o trabalho iniciado há menos de uma hora.

Instantes depois, contrariada com o inusitado ocorrido, à custa de muito esforço, logrou levantar-se e chegar até a janela.

O sol começava a declinar buscando o horizonte, pincelando o imenso azul do céu de malhas avermelhadas.

Estrelinha, a fazenda dos patrões, era rica e bela, repetia num misto de admiração e tristeza, enquanto perpassava o olhar pela pradaria exuberantemente verde.

Engolfada em pensamentos do seu passado distante, vovó Zefa viu-se novamente como cria da casa, no viço dos seus dezesseis anos. Fora apaixonada por Pedro, mulato da fazenda vizinha, cinco anos mais velho.

Sofrera uma desilusão amorosa, Pedro fugira com outra deixando-a grávida.

A humilhante recriminação de Dona Alzira, sua ama, não se fez esperar. Repetidas vezes ouvira a acre censura:

– Negrinha sem-vergonha! Tão jovem, tão despudorada! Engravidar sem ser casada! Que vergonha!

Vovó Zefa não guardava rancor pela incompreensão sofrida, desculpava as demonstrações de desprezo e, a

seu modo, amava aquela que a recolhera recém-nascida, enfeitada pelos pais, mas doía-lhe a acusação porque a patroa sempre insistiu em inocentar Jacira, a filha caçula, mãe solteira aos vinte e três anos, dizendo-a vítima indefesa de um sedutor mau-caráter, não considerando também o fato de haver gerado posteriormente mais dois filhos de pais diferentes. Justificava: os outros netos vieram por uma opção muito pessoal de Jacira e que, por isso mesmo, devia ser respeitada. Ela, no entanto, mais nova, ignorante, desprotegida era tachada como negra sem pudor.

Incompreendida, viveu amargando a culpa de um pecado cometido no delírio de uma alucinante paixão, sempre fiel aos donos da casa, dividindo-se no cumprimento dos seus deveres domésticos e nos cuidados com o fruto do grande amor não correspondido.

Do seu tempo, todos haviam partido para o outro mundo, lembrava-se saudosa. Quando chegará a sua vez? – perguntava-se emocionada.

A noite debruçara-se por aquelas bandas, cobrindo com seu manto escuro toda a fazenda, quando a bisneta Amélia, entre lágrimas e gritos de desespero, deu o alarme:

– Socorro, acudam, vovó está morta!

Bruscamente arrancada de suas reminiscências, vovó Zefa virou-se sorridente e falou:

– Que é isto, menina! Estou aqui na janela!

Nenhuma resposta, nenhum sinal de que fora escutada. Só então percebeu seu corpo inerte, caído por cima da almofada de renda.

Estaria mesmo morta? – indagava aflita. Via-se ali, recurvada, inânime, ante o olhar desolado de Amélia, e, ao mesmo tempo, em pé, vivaz, na plenitude dos sentidos.

– Valha-me, Nossa Senhora! Que será de mim? Uma pobre negra pecadora, sem eira nem beira, encontrará um lugar de descanso ou vai ficar como alma penada?

Lá fora, uma luz de suave coloração azulada rasgou a escuridão da noite; melódiosos arpejos vibraram em harmonia com a branda voz de Eulália, uma emissária de Maria que, estendendo-lhe os braços, exclamou com doçura:

– Venha, Zefa. Bendita seja você! Por sua humildade, por sua bondade de coração, pelo muito amor que soube distribuir sem nada exigir, merece ser conduzida a uma estância superior onde não há preconceito ou discriminação, prevalece a fraternidade, todos são felizes.

– E Pedro? E Dona Alzira? Como e onde estão?

Um sorriso aflorou aos lábios da encantadora enviada de Maria. Com imensa ternura, afagou a carapinha branca da vovó Zefa e esclareceu bondosa:

– Pedro padeceu grande decepção na aventura amorosa que o levou a abandoná-la; arrependeu-se, experimentou sérios dissabores por tantos outros desacertos cometidos, ainda não conseguiu reequilibrar-se, sofre intensamente. Alzira permanece penando num vale sombrio, curte doloroso remorso, vítima que é de sua vaidade desmedida; nada mais resta do seu antigo orgulho.

– Meu anjo do céu, agradeço a dita de querer levar-me para esse tal lugar de bem-aventuranças, porém não devo aceitar agora. Peça em meu nome a Nossa Senhora que me deixe ficar até o dia em que eu possa salvar aquelas duas criaturas amadas. Não serei feliz vendo-os sofrendores.

– Intercederei por você. Confie. Infinita é a misericórdia da dulcíssima Mãe de Jesus.

Quarenta anos depois, faz gosto ver a abnegada Magnólia, a mais nova herdeira da Fazenda Estrelinha, desdobrar-se no afã de educar cristãmente os filhos adolescentes, Petrócio e Alira, dando-lhes amor, carinho, orientação e, sobretudo, o exemplo de uma vida pautada nos ensinamentos de Jesus.

Os de casa não podem reconhecer nos três as figuras há tanto tempo esquecidas de vovó Zefa, Pedro e Alzira, entretanto Eulália, o anjo protetor da família, rejubila-se com o êxito da missão a que sua tutelada se impôs e o progresso moral que os dois rebeldes de outrora apresentam.

A reencarnação, dádiva de Deus, abre novos caminhos para a remissão dos Espíritos em sua contínua procura de aperfeiçoamento.

O amor faz milagres!...

MACACO SIMÃO

Carregando o peso dos seus oitenta e oito anos, dos quais setenta e nove vividos na dura faina da roça, Simão, um negro robusto, o mais antigo morador da Fazenda Oiteira, depois de um dia estafante, retornava do trabalho a passos lentos, levantando o pó do chão, num penoso arrastar de pés.

No aconchego do lar, cercado do carinho de sua Maria – pensava feliz – acharia novas forças para enfrentar as labutas do dia seguinte.

Antes, porém, que alcançasse sua choupana, encontrou Matias, neto dos atuais patrões, um garoto de doze anos, inconveniente e atrevido, que, maldosamente, só o tratava por Macaco Simão.

Insolente, o petiz não perdeu a oportunidade de zombar do pobre ancião, cantarolando:

– “Meio dia, panela no fogo barriga vazia.

Macaco torrado que vem da Bahia

Fazendo caretas pra Dona Maria”.

Simão descontrolou-se, aguentara silencioso todos os insultos, mas não suportava ver sua Maria incluída nas troças do irreverente guri. Revidou:

– Menino arrelento, quando você morrer vai pras profundezas do inferno de cabeça pra baixo. E eu vou achar graça.

– Macaco Simão – chasqueou Matias –, o inferno foi feito para os negros sujos como você e sua mulher.

De pouco valeram os apelos de muita paciência e as palavras de conforto de Dona Maria.

Simão estava injuriado, pouco se alimentou e, logo depois, saiu.

Sentado na margem do açude grande, seu lugar predileto para meditar e orar, deu vazão à tristeza. Em pranto convulso, perguntava:

– Por que, meu Deus, tanta maldade no coração daquele fedelho? Que fazer para corrigi-lo?

Pensamento solto, voltou aos tempos de criança, quando chegou à fazenda. Conhecera os bisavós de Matias, pessoas austeras e exigentes, contudo justas; não detratavam os empregados, quer fossem brancos, mulatos ou negros. Os avós e os pais haviam seguido a mesma linha de conduta, sérios, compenetrados, mas respeitadores e bondosos. Só o Matias escarnecia dele.

Morosamente o sol declinava no horizonte. O velho Simão, em oração, aos poucos, refazia-se do desgosto. Admirou o céu tingido de púrpura anunciando o final da tarde morna, sentiu a suave brisa acariciar-lhe a fronte escaldante, desejou voltar aos cuidados de Maria, porém o sono anestesiou-lhe os sentidos, pendeu a cabeça sobre o peito, dormiu profundamente e sonhou com um anjo luminoso convidando-o:

– Venha, Simão, sossegue sua alma tão angustiada. Muitos foram os seus sofrimentos, grande será sua recompensa.

– Meu bom anjo, como posso asserenar-me se vejo o menino Matias inclinando-se para o mal? Desejo o seu bem, sofro com o seu descaminho.

– Hoje, Matias, espírito endurecido, não poderá ouvi-lo; no futuro, você terá como dar sua ajuda direta para

salvar aquela alma rebelde. Agora, repouse para um despertar feliz.

Ao amanhecer, encontraram o corpo de Simão hirto, olhar sereno fixado no infinito, tendo nos lábios o sorriso daqueles que morrem em paz.

Sessenta anos passaram na carruagem do tempo.

Matias, sentado à margem do mesmo açude, angustiava-se pensando no passado, no presente e nas sombrias perspectivas do futuro.

A Fazenda Oiteira viera-lhe diretamente dos avós. Administrador severo, fez-se temido e repudiado. Juntou dinheiro, mas não fez amigos. Agora, envelhecido, vivia como eremita, mal visto, rejeitado. Não casou, não tinha filhos. Quem poderia assisti-lo na senectude?

Da angústia passou ao desespero. Quis gritar, não conseguiu. Dor intensa comprimiu-lhe o peito, a visão anuviou-se. Morreu blasfemando.

No dia seguinte, acharam o cadáver de Matias, olhos esbugalhados, lábios contraídos, reflexo de uma morte atormentada.

Dez anos se foram na inexorável marcha do tempo. Matias, que vagara em densas trevas, lentamente despertou em profunda aflição, sem decifrar o que lhe acontecera.

Pressuroso, demandou a casa grande. Constatou, contrariado, radicais modificações. Na entrada, um belo e bem cuidado jardim; no interior, recentemente pintado, móveis novos; empregados zelosos cuidavam do asseio.

Aturdido, retirou-se procurando informações. Nenhuma resposta, fingiam não escutá-lo.

Só então, contrafeito, pôde observar que as antigas e acanhadas casas de barro batido tinham sido substituídas por outras maiores, mais confortáveis, de alvenaria. Viu ainda uma escola, uma creche, um clube recreativo. Tudo feito com o seu dinheiro, sem autorização. Verdadeira espoliação dos seus bens!

De repente, lembrou-se de suas considerações à beira do açude, da sufocante dor no peito, do turvamento da visão acompanhado de um longo vazio. Certamente morrera, era a explicação.

Vencido pelo desgosto, chorou amargamente, lamentou seu infortúnio que, reconhecia, só podia imputar a si próprio. Caiu de joelhos e orou:

– Se realmente morri, se há esse Deus que todos têm como Pai de infinita misericórdia, que eu seja socorrido neste momento de inquietação e de dúvidas atrozes.

Inimaginável é o poder da prece. Natalício, um ser angelical, abeirou-se de Matias, tocou-lhe de leve o ombro falando com ternura:

– Matias, que você fez da vida? Desperdiçou uma oportunidade de crescer espiritualmente! Discriminou os negros, desconsiderou os direitos dos seus empregados, cometeu uma série de equívocos.

– Bem sei que mereço ir para o inferno de cabeça para baixo. Mande-me logo arder no fogo. Cumpra a justiça.

– Não, Matias, você não irá. Deus é bom e misericordioso, não permitirá tal absurdo. Por ser justo, Deus concede sempre novos ensejos de redenção.

– Estou confuso. Que fazer então?

– Recomeçar – retrucou Natalício. – Outra vida ser-lhe-á dada se aceitar reencarnar como filho dos novos donos

da Oiteira para retomar a tarefa abandonada por negligência. À noite, durante o sono, promoverei um encontro para o entendimento fraterno. Aceita?

O carrilhão soava anunciando as vinte e três horas quando Matias, acompanhado do protetor, penetrou na alcova do jovem casal que dormia serenamente.

Ao chamamento de Natalício, ambos desprenderam-se do corpo físico indo ao encontro dos visitantes.

– Eis seus futuros pais, Eliseu e Marina – sorridente, Natalício fez a apresentação. – Muitos anos atrás, acataram de bom grado a incumbência de guiá-lo pelo caminho reto do dever. Deseja conhecê-los melhor?

– Sim, quero muito saber qual a ligação entre nós que justifique o sacrifício de receber-me como filho – respondeu Matias cheio de curiosidade.

Como num passe de mágica, o guapo rapaz e sua encantadora esposa transmutaram-se. As peles alvas tornaram-se escuras, os cabelos lisos ficaram encarapinhados; eram dois idosos vergados pelo peso dos anos.

Trêmulo, incapaz de sustentar-se em pé, Matias arrojou-se aos pés dos pretos-velhos gemendo de assombro e de dor:

– Macaco Simão, Dona Maria! Como podem aceitar-me como filho? Não mereço voltar nem como empregado. Sou um pobre diabo indigno de ser olhado. Perdoem este infeliz.

Emocionado até as lágrimas, Simão replicou:

– Levante-se, Matias, há muito tempo você foi perdoado. Venha, abrace-nos como irmãos queridos, esqueçamos o passado, olhemos o futuro promissor.

Mais cinco anos transcorreram. Eliseu e Marina contemplam embevecidos o filho recém-nascido como um presente descido do céu.

UMA ROSA PARA VOCÊ

A manhã de primavera era linda.

O sol já alto, a brisa refrescante, a relva macia de onde emanava a suave fragrância das flores silvestres emolduravam um cenário de rara beleza.

Borboletas multicores tocando as flores do campo, canoros passarinhos chilreando, em harmonia com o cascadear das límpidas águas do córrego encosta abaixo compunham um ambiente enternecedor, favorável à meditação.

Tudo era alegria, a natureza palpitava em festa. Ester, porém, estava triste, ardentes lágrimas requeimavam-lhe o rosto macerado pelo sofrimento e pela noite insone.

Sentada à beira do riacho sinuoso, Ester olhava o céu azul, sem nuvens, refletido n'água, em doloroso contraste com sua alma nublada por incertezas do futuro.

Transportada ao passado, reviveu a primeira escola, as brincadeiras infantis, as festinhas de aniversário; em tudo estava presente a lembrança do Luís, o colega atencioso, o amigo solícito, o admirador apaixonado.

Aos doze anos, acontecera a primeira declaração de amor, formal e direta. Esquivara-se delicadamente, ainda se achava criança para essas coisas...

Em sua festa de quinze anos, Luís propusera-lhe um compromisso. Nova recusa sob o pretexto de não querer envolver-se emocionalmente. Na realidade, sonhava com um jovem forte, bonito, alvo, louro... Luís era franzino, feioso, moreno, sem nenhum atrativo físico.

Em seus dezoito anos, Luís a presenteara com dois livros espíritas e com a confissão de que um amor tão intenso só poderia ter raízes em vidas passadas. Apoiado na fé, na lógica e na razão, havia adotado a Doutrina Espírita.

Na comemoração dos vinte anos de Ester, lá estava o Luís, leal ao seu amor, renovando o pedido de casamento. Ríspida na rejeição, ela lhe aponta Raul, o homem com os atributos por ela desejados, o eleito do seu coração.

Entregara-se a uma paixão alucinante e Raul, consciente do seu poder de sedução, tinha-a na palma da mão.

Ester fez uma pausa nas suas recordações; um pranto convulso fazia-lhe estremecer todo o corpo. Lavou o rosto banhado de suor e lágrimas, mergulhou os pés na água fria do regato, suspirou desanimada, tornou à sua amarga retrospectiva.

Ao comunicar sua gravidez a Raul, este, insensível, oferecera-lhe duas opções: fazer o aborto e manter a situação corrente ou assumir sozinha o filho indesejado.

Como enfrentar o escárnio da sociedade, as recriminações dos pais, as acusações da própria consciência? Inquiriu-se angustiada: aborto ou suicídio? Não havia outra alternativa. Estava perdida.

A imagem de Luís surgiu-lhe de repente, viva, cheia de ternura. Buscou os livros ganhos há dois anos e displicentemente jogados a um canto da estante.

Abriu a esmo o livro "A VIDA ESCREVE", ditado pelo Espírito de Hilário Silva; à página 174, em meio a uma crônica, leu: "Processou-se o aborto esperado. Todavia, desde então, tinha sonhos alucinantes. Via-se perseguida por alguém. Roquenha voz lhe gritava aos ouvidos: 'Mãe,

mãe, por que me mataste?’ Acordava enxugando o suor álgido no lençol.” Assustara-se, convecera-se de que o aborto é assassinato.

Recorreu ao outro livro, “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, de Allan Kardec. Lá estava no capítulo V – Bem-aventurados os Aflitos, item 17 do tema “Suicídio e Loucura”: “O Espiritismo ainda produz, sob esse aspecto, outro resultado igualmente positivo e talvez decisivo. Apresenta-nos os próprios suicidas a informarmos da situação desgraçada em que se encontram e a provar que ninguém viola impunemente a lei de Deus, que proíbe ao homem encurtar sua vida. Entre os suicidas, alguns há cujos sofrimentos, nem por serem temporários e não eternos, não são menos terríveis e de natureza a fazer refletir os que porventura pensam em daqui sair, antes que Deus o haja ordenado.”

Com a mente em ebulição, ainda lhe foi possível raciocinar, aborto e suicídio são crimes aos olhos de Deus. Estava confusa.

Decidiu-se, procuraria Luís, contar-lhe-ia seu infortúnio, pedir-lhe-ia perdão. Generoso, não lhe negaria o amparo naquela hora difícil, nem a paternidade e o nome honrado para a criança em formação. Luís era um anjo, pensou, seria sua salvação.

Já prestes a sair ao encontro do seu perpétuo admirador, um portador entrega-lhe uma rosa vermelha acompanhada de um cartão.

Reconheceu a letra de Luís grafada no envelope. Sem dúvida, fazia-lhe a corte novamente. Que amor incommensurável! Serei toda e unicamente dele.

A mensagem era: "Morre-me a esperança de, nesta vida, tê-la como esposa e fazê-la feliz. Viajo para Londres de onde não pretendo voltar jamais. Sinto-me magoado, humilhado, infeliz, tenho o orgulho ferido e, por egoísmo, não suporto vê-la nos braços de um rival. Fujo do combate. Contudo, morre a esperança, não o amor. Deixo uma rosa para você como expressão materializada desse amor impossível."

Agora, Ester estava ali, à beira do rio, arrependida, desolada, sem coragem de olhar diretamente para o céu, mas, fitando-o no espelho d'água, orava em silêncio: "Meu Deus, dai-me forças para não sucumbir, perdoai meus erros e, sobretudo, amparai o Luís de quem tanto desdenhei".

Uma onda de energia positiva trouxe um novo alento para Ester que, levantando-se, exclamou:

– Viverei. Suportarei com estoicismo as críticas mordazes da sociedade e as censuras dos familiares. A meu filho darei o nome de Luís, ou Luísa, se nascer mulher. Depois desta vida, Deus haverá de conceder-me outra reencarnação ao lado de quem sabe amar verdadeiramente.

UM HOMEM PERSISTENTE

Chovia torrencialmente. Precária no verão, a estrada de barro castigada pela enxurrada não oferecia condições de tráfego.

Premidos pela necessidade, pai e filho enfrentavam todos os obstáculos expondo o velho caminhão a sérios danos em sua estrutura desgastada e obsoleta.

Vencida a terça parte do percurso, ocorreu o primeiro contratempo: o motor começou a falhar.

Agastado, Otávio resmungou:

– Pai, estamos “fritos”! A bobina aqueceu, não funciona e não temos outra para substituí-la.

– O que você sugere, filho?

– Aguardarmos socorro de algum outro louco que se arrisque a passar por aqui.

– De jeito nenhum, Otávio. Esperar o quê, se a solução está caindo do céu? Molhe a flanela com a água da chuva, ponha-a em volta da bobina e vamos adiante. Repita a operação toda vez que for preciso.

Mais meia hora de viagem e o motor voltou a falhar.

Desta vez, um tanto assustado, Otávio indagou:

– Seu Donato, e agora? O platinado está com uma “bexiga”, na caixa de peças não tem nenhum sobressalente, também não encontrei lixa ou coisa parecida. Assim não dá! Entrego os pontos, pai.

– Filho, eu não penso assim. Cabeça não serve apenas para se pôr chapéu; é importante acionar a imaginação. Esta é uma região de muitos seixos, pegue uma

pedrinha, dê um polimento no platinado. O problema ficará resolvido.

Ainda não haviam chegado à metade do caminho quando outro incidente aconteceu: com tremendo estrondo, um pneu “baixou” impossibilitando a continuação da viagem.

A câmara de ar ficou em frangalhos. Não havia conserto, era necessária a sua substituição.

Desolado, Otávio lamentou:

– Pai, está tudo perdido! Não temos outra câmara, só nos resta desistir.

– Esta palavra não consta do meu vocabulário – replicou Donato com toda a segurança. – Desistir, nunca. Encontraremos uma solução viável, filho.

– Como, meu pai? Somos nós três, o calhambeque, a estrada enlameada, muita chuva acompanhada de raios e trovões. Que fazer?

– Se não podemos encher o pneu com ar, encheremos com folhas secas. Apanhe-as enquanto eu pego a marreta, vamos “socar” as folhas dentro do pneumático, montar a roda e prosseguir.

Rodados mais alguns quilômetros, comprovada a eficácia da improvisação, Donato, em tom solene, comentou:

– Filho, a perseverança é característica do homem robustecido na fé e a fé é o canal pelo qual Deus inspira os homens de boa vontade.

Otávio ficou pensativo para logo depois readquirir o bom humor.

Avistavam-se as primeiras casas da cidadezinha. Restava pouco mais de um quilômetro para alcançarem o destino, porém um novo desafio surgiu para os audazes

viajores: o motor deu sinais de “engasgo”, em seguida “apagou”.

O péssimo estado da estrada exigiu um esforço maior da máquina e um consumo extra de combustível. Faltou gasolina.

Sem abalar-se com a nova dificuldade, Donato gracejou:

– Nada de desânimo, Otávio!

– É, meu pai, não vou desesperar, entretanto sei que a água da chuva resfriou a bobina, mas, acredito, não dá “queima” ao motor. Como vai se sair desta?

– No começo da rua, existe uma mercearia bem sortida. Vá até lá, compre uns dez litros de álcool e traga também...

– Será que o “São” Donato quer fazer milagre? Motores a gasolina não “engolem” de bom grado o álcool, ainda mais um de qualidade duvidosa. Pra complicar, o tempo frio!... Pai, vai funcionar?

– Calma, Otávio, deixe-me concluir o pensamento para, então, fazer suas observações.

– Estou aflito, papai! Perdoe-me.

– Muito bem. Depois da mercearia, na segunda rua à esquerda, você encontra a Farmácia Salvação. Peça em meu nome ao Sr. Padilha que ceda meio litro de éter.

Em hora e meia, nossos heróis chegaram à porta do Hospital Regional onde internaram o conterrâneo Juca cujo fêmur direito sofrera séria fratura.

A missão de solidariedade cristã a que se propuseram estava cumprida. O ancião, naquele momento, recebia a assistência médica necessária.

Otávio, sorridente, confidenciou ao experiente Donato:

– Hoje, meu pai, aprendi que a persistência bem conduzida, acompanhada de fé, é uma qualidade de grande valia na vida do homem. Obrigado, papai.

– Ensinaram-me, desde cedo, que Deus ajuda aquele que trabalha. Peço sempre a inspiração divina para poder solucionar todos os problemas, contudo não dispenso o esforço pessoal para consecução dos meus objetivos.

Assim é o homem. Através de múltiplas experiências reencarnatórias, aliando fé e suor, vontade e disciplina, vai desbastando arestas, corrigindo erros, melhorando-se interiormente, em permanente aprendizado, até consolidar o aperfeiçoamento próprio na grande busca de Deus – META MAIOR DO ESPÍRITO.

UM HOMEM FELIZ

Joatas saiu do consultório médico absolutamente convicto de que buscar a morte seria a solução acertada para a sua desdita.

Apesar de maneiroso, Dr. Sílvio foi bastante claro ao dizer-lhe que o exame laboratorial do sinal retirado do seu rosto havia constatado malignidade e que contava com chances de cura se aceitasse submeter-se a um rigoroso tratamento com aplicações de rádio e quimioterapia.

Desarvorado, abatido, o moço andava a esmo pelas ruas centrais da cidade, julgando-se o homem mais infeliz do mundo.

Perderia a bela cabeleira ondulada, suas faces tornar-se-iam macilentas, definharia progressivamente para finar-se carcomido pelo insidioso câncer. De que lhe valeriam alguns meses de vida amargando atroz sofrimento? Melhor seria abreviar seus dias!

Joatas, antes desatento a qualquer tipo de padecimento do próximo, começava a pousar sua vista num sem-número de pessoas portadoras de deficiências físicas irreversíveis e de outras que lhe pareciam acometidas de enfermidades graves.

Jovem, bonito, abastado, nunca nada lhe faltou, porém via o seu sonho de uma vida feliz esfumar-se rapidamente. O mundo, agora, parecia-lhe um vale de dores e desilusões. Sentia pena de si e dos outros desventurados.

Precisava desabafar. Quem lhe daria ouvidos senão um tão infortunado quanto ele?

Acercou-se de um coxo, contou-lhe sua história dizendo-se a mais desgraçada das criaturas, órfão de Deus, renegado dos anjos.

Com ironia a estampar-se no sorriso sarcástico, replicou o manco:

– Mais sofredor do que eu não pode ser. São anos e mais anos claudicando; andar, para mim, é uma canseira sem-fim, um suplício sem solução. O senhor é rico, pode tratar-se e vencer a moléstia, enquanto eu vivo na penúria e convivo com uma deficiência física incurável. Sem dúvida, sou o mais infeliz dos homens, um pária da vida, um enteado do Todo Poderoso.

Um terceiro personagem juntou-se ao manco e ao canceroso. Paraplégico desde a infância, preso a uma cadeira de rodas motorizada, desfiava um rosário de lamentações. Revoltado, comentava:

– Vocês choram por ninharias. Um pode andar, o outro tem cura. Eu, sim, sem locomoção própria, não vislumbro qualquer esperança. Incontestavelmente, sou o mais infeliz dos homens, uma vítima indefesa dos caprichos de um padraço insequente, conhecido como o Criador.

Acalorava-se a discussão sem que chegassem a um consenso, quando apareceu, retido num rústico carrinho de madeira empurrado por um garoto, um mendigo de membros deformados, paralítico e cego de nascença, recorrendo à caridade pública.

Observando aquele que bem poderia ser chamado um trapo humano, os três pretensos homens mais infelizes

do mundo relacionaram suas desditas e indagaram ansiosos:

– O amigo, que traz no corpo deformidades cruéis, paupérrimo, paralítico, cego, considera-se mais infeliz do que nós? Vê em Deus um tirano?

– Enganam-se os meus irmãos! Eu sou um homem feliz, muito feliz mesmo! Sinto Deus um Pai Amantíssimo, de infinita misericórdia, bondade, justiça e sabedoria.

– Como assim? Não entendemos. Pode haver sabedoria, justiça, bondade e misericórdia num Deus que o fez nascer assim?

– Minha alma, de passado ignominioso, extremamente comprometida com a Justiça Maior, reverente, agradece a Deus ter-lhe concedido esta reencarnação de angustiantes expiações e de acerbos provas para remir uma parcela dos múltiplos pecados cometidos outrora. Repito, sou um homem feliz por compreender que colho hoje o produto da semente de ontem.

– Não está o amigo exageradamente conformado?

– Conformado, sim. Exageradamente conformado, não. Sou consciente das minhas responsabilidades de espírito endividado ante a Lei Divina e que envida esforços para evoluir. O Mestre Jesus disse: "*A cada um será dado segundo as suas obras*", logo recebemos aquilo que merecemos.

– Será isso possível? Estaremos pagando erros de existências de que nem nos lembramos? Sim assim for, que proveito haverá nesse processo?

– Ah! meus irmãos, seria muito dolorosa a lembrança do passado pecaminoso e desconcertante o reencontro com entes prejudicados ou ofendidos por nossa má conduta.

Deus, sabedoria infinita, faz descer o véu que nos deixa temporariamente esquecidos, porém a experiência fica e favorece o espírito infrator.

Aquele diálogo simples e franco, inusitado para Joatas, veio abalar as estruturas de seus velhos conceitos e antigas convicções. Até a novíssima ideia de pôr termo à própria vida esvaiu-se como por encanto.

Olhando com admiração aquela figura fisicamente grotesca, mas de uma lucidez surpreendente, Joatas arriscou outra pergunta em tom mais íntimo e carinhoso:

– Diga-me, ceguinho, é correto, então, o provérbio "*Quem semeia ventos colhe tempestades*"?

– De fato, meu irmão, as borrascas que se abatem sobre nós originam-se na nossa imprevidência. "*Não se colhem uvas no espinheiro*".

– Ceguinho, você conseguiu fazer-me pensar em coisas de cuja importância jamais suspeitei. Onde poderei encontrar quem disserte mais profundamente sobre essa sua filosofia de vida capaz de alterar o curso de minha existência?

– No centro da cidade, na periferia, nos bairros de classe média e nos chiques, em qualquer lugar o senhor encontra uma Casa Espírita pronta para encaminhá-lo pela senda do bem, do amor, da fraternidade, da reforma íntima, do crescimento espiritual. Ademais, é vasta e variada a literatura da Doutrina Espírita, esclarecedora, confortadora e calcada na lógica à luz dos fatos.

– Ceguinho, não penso mais em suicídio, darei novo rumo à minha vida. Obrigado, Deus o abençoe.

O CONDENADO

Estendido numa poça de sangue, atingido por dois balaios no peito, um homem vivia seus últimos momentos.

Roberto presenciou o crime sem que pudesse identificar o agressor. Compadecido, debruçou-se sobre o moribundo assistindo-o em seus últimos momentos com palavras fraternas, até que fosse exalado o suspiro final. Inadvertidamente, tomou nas mãos a arma do crime que fora deixada junto à vítima, com o propósito de entregá-la às autoridades.

Minutos depois da criminosa ocorrência, policiais da ronda noturna, atraídos pelos disparos ouvidos à distância, flagraram Roberto com o revólver em punho. De nada valeram seus protestos e explicações. Pesava-lhe uma evidência contundente. Foi detido. O exame pericial da arma, usada por pessoa com mãos enluvadas, revelou tão somente as impressões digitais de Roberto. Era a prova irrefutável.

Dupla desgraça desmoronou sua vida cheia de belos planos para o futuro. Além da condenação a trinta anos de reclusão, Roberto amargou a desolação pelo rompimento do noivado. Laura também não se convenceu de sua inocência, desfez o compromisso, jamais o visitou.

Os anos transcorriam demoradamente. A cada dia Roberto mostrava-se mais revoltado, mais abatido, física e espiritualmente, com a fatalidade que se precipitara

sobre ele. Profundas rugas vincavam-lhe o rosto emagrecido.

Assim se passaram vinte e cinco anos de tormentos e desesperanças.

Um grupo de jovens espíritas visitava mensalmente o presídio para levar aos infortunados detentos uma palavra de conforto e as bênçãos das lições do Evangelho de Jesus. Aos mais receptivos, distribuía livros da Religião Espírita e se demoravam ouvindo-lhes as confidências, histórias de suas desventuras, dores e arrependimento.

Dentre os moços legionários da Doutrina Consoladora, os irmãos Marina e Mariano destacavam-se não só pela beleza e simpatia, como também pelas preleções ricas de palavras iluminadas pela fé, ditas com infinito amor.

Roberto ouvia-os embevecido. Desenvolvia-se ali uma amizade sincera, alicerçada na confiança e respeito mútuos, que veio modificar a vida do infeliz presidiário. Lia com avidez os livros espíritas, anotava as dúvidas e aguardava com ansiedade os queridos irmãos para os necessários esclarecimentos.

Roberto era um homem renovado. Os cinco anos finais de sua pena passaram mais rapidamente, com menos sofrimento, sem desespero, sem revolta.

Um dia, Marina e Mariano perceberam certa inquietude em Roberto. Insistiram e ouviram o relato cheio de preocupações:

– Aproxima-se o dia de minha libertação. Para onde ir? O que fazer? Desacreditado pela sociedade, sem lar, sem trabalho...

– Nada disso, Roberto. Nós acreditamos na sua inocência, confiamos em você. Marina e eu temos uma clínica médica montada no centro da cidade. Você se instalará numa das dependências da casa, será o zelador com salário justo e Carteira de Trabalho assinada. Pronto, moradia e trabalho garantidos!... Que mais quer? Paz de consciência você sempre teve, sabemos. Retomará os direitos de cidadão honesto que é.

Saltava aos olhos a mudança na clínica dos irmãos Marina e Mariano. Em oito meses, o visual era outro: o bom gosto na nova pintura das paredes internas e externas; o piso encerado com esmero; o jardim trescalando o embriagador perfume do roseiral em flor, emoldurado pelo gramado de exuberante verde; o trinar dos pássaros que, felizes, acorriam ao pequeno paraíso. Tudo era harmonia, beleza, perfeição. Roberto ultrapassava em muito as expectativas dos jovens irmãos médicos.

Certa manhã, antes de se iniciar o atendimento da clientela, o zelador e seus patrões conversavam animadamente na sala de espera, tecendo planos para o futuro. Inopinadamente, Laura e Júlio entraram para uma visita informal aos filhos.

Como se movido por possante mola, Roberto levanta-se e balbucia, trêmulo de emoção:

– Laura!... É você a mãe dos meus protetores?

Tomada pela surpresa, a senhora semidesfalecida não caiu porque foi sustentada pelas mãos vigorosas de Mariano, enquanto Marina amparava Roberto, que se desfazia em copioso pranto.

Refeita do susto, Laura replicou com arrogância:

– Como ousa você, que me fez sofrer tamanha decepção, vir depois de todos esses anos procurar refúgio e abrigo justamente junto aos meus filhos? Deixe-os em paz, desapareça para sempre.

– Laura... Laura, uma vez mais peço com humildade, acredite em mim, sou inocente, nunca matei ninguém.

Júlio assistia à patética cena sem nada entender. Reagiu e, expressando um grande descontentamento, exigiu:

– Laura, você deve explicações a mim e aos seus filhos. Aprese-se, estamos esperando.

– Júlio, dois anos antes de conhecê-lo fui noiva deste homem. Dói-me tanto lembrar este fato que sempre o ocultei de você e de nossos filhos. Cancelei o compromisso de casamento quando, numa fatídica noite de Natal, na Rua das Aroeiras, este monstro abateu com dois tiros no peito um indefeso pai de família. Como poderia juntar o meu destino ao de um impiedoso assassino? Que qualidade de filhos poderia gerar um cruel marginal? Passei a odiá-lo, procurei esquecê-lo, não quis revê-lo nunca mais.

Grossas lágrimas ardentes como brasas escorriam pelo rosto empalidecido de Júlio. Entrecortada por soluços, saiu a dolorosa confissão:

– Laura, reformule seus conceitos a respeito do Sr. Roberto. O criminoso sou eu. Consumado o delito, joguei a arma no chão e fugi. Retornei à cidade dezoito meses depois. Não mais se comentava o ocorrido, não procurei conhecer o seu desfecho. Ignorava que um inocente pagava por mim. Vou à polícia confessar meu crime, promover os meios para restaurar a dignidade do nome do Sr. Roberto.

Fez-se um pesado silêncio. Mãe e filhos, atônitos ante a inesperada revelação, emudeceram.

Sereno, finda breve oração proferida mentalmente, o ex-detento rompeu o mutismo:

– Não posso permitir, Sr. Júlio. Assim procedendo, trará mais constrangimentos para Laura e irá enxovalhar os nomes de Marina e Mariano. Fica, aqui e agora, encerrado o episódio. Ambos têm o meu perdão amplo e irrestrito. Que Jesus nos abençoe.

Médiuns, Marina e Mariano, tiveram uma rápida visão de encarnação anterior quando Roberto lhes fora um extremoso pai, mas se envolvera em hediondo crime passional. Viram também que, em breve, Roberto retornaria à Pátria Espiritual, redimido de seus pecados, vestindo a alva túnica dos espíritos sem mácula. Júlio, tocado pelo remorso e desejoso de quitar o débito contraído na atual existência, reencarnaria em condições adversas. Laura, novamente sua companheira, enfrentaria dificuldades para abrandar o coração, aprender a perdoar e domar o orgulho.

Infalível é a justiça de Deus!

IDA E VOLTA

Envolvido pelo carinho e pelas preces fervorosas dos seus companheiros de ideal e lidas espiritistas, em singelo quarto da Casa da Providência, abrigo para idosos que fundara, mantinha e administrava, Celso desprende-se serenamente do corpo físico em demanda do mundo espiritual.

Informados do desencarne de Celso, os internados pranteavam o finado com exclamações de dor e de veneração.

Seu Antônio, o mais antigo, comentava angustiado:

– Acredite, Matias, o Sr. Celso foi direto para o céu, sem escalas e sem retorno. Tenho dezoito anos de casa, posso afirmar que morreu um santo, um homem sem defeitos, sem pecados.

– Concordo, Antônio, por tudo que pude ver e sentir nestes seis meses que estou albergado aqui, sei que realmente morreu um justo.

Quando maior era a tristeza dos que ficaram na Terra, Celso era, festivamente, recolhido a uma colônia espiritual de atendimento aos recém-desencarnados e, comovido, reencontrou seus pais e irmãos mais velhos que vieram abraçá-lo e dar-lhe as boas-vindas. Reconheceu com surpresa centenas de seus antigos tutelados da Casa da Providência saudando-o com braçadas de flores. Sua atenção foi, então, atraída para uma entidade aureolada de luz, o Irmão Donato, guia espiritual da Casa Espírita onde servira com desvelo por décadas a fio.

Sem perda de tempo, Celso inquiriu:

– Meu bom amigo e mentor Irmão Donato, fui um dedicado trabalhador da seara cristã, terei mérito para requerer uma passagem definitiva para um mundo superior?

– Tenha calma! Primeiro, aproveite o tempo para retemperar as energias, descanse, medite, faça um balanço criterioso de sua última experiência na vida material.

– Tenho minha consciência em paz, minha vida na Terra foi de renúncia e devotamento. Agora tenho pressa de realizar o grande objetivo de alçar voo a um lugar de bem-aventurança.

– Um pouco de paciência e você, Celso, poderá fazer o seu pleito diretamente à comissão de Espíritos da alta hierarquia celeste que virá inspecionar esta colônia daqui a vinte dias. Vou empenhar-me para conseguir-lhe uma audiência.

Chegado o grande momento, Celso acudiu ao gentil chamamento de Clarício, o chefe dos prepostos do Senhor e, inebriado de contentamento, ouviu:

– Filho, você deseja um passaporte com visto de permanência para um mundo feliz; vamos, então, conferir seus apontamentos íntimos com as nossas anotações cadastrais. Comece.

– Logo cedo, inclinei-me para as verdades espíritas e iniciei-me nas tarefas assistenciais. Enfrentei e venci todas as dificuldades, inclusive o preconceito e a incompreensão dos meus pais e dos meus irmãos. Por amor à causa, abdiquei a própria felicidade cancelando a proposta de casamento com a mulher que fora o meu

grande sonho de jovem apaixonado. Fiz da minha vida uma fonte perene de trabalho e de boas realizações em favor do próximo.

– Tudo exato; de fato, você foi um trabalhador da primeira à última hora! Vejo também...

Sem poder conter o júbilo e a impetuosidade, característica esta que foi marcante em sua passada existência, Celso apartou seu entrevistador antes que ele pudesse concluir sua observação:

– Posso contar, então, com a minha transferência, não é verdade?

Com um sorriso de bondade, Clarício respondeu com brandura:

– Vejo também, nas entrelinhas, referências a pequenos senões e faltas mais graves que a sua imperfeição espiritual não lhe permitiu sanar. Acompanhe e confira:

a) você enfrentou o preconceito e a incompreensão dos seus familiares sem a paciência que o amor cristão deve inspirar. Perdeu a oportunidade de guiá-los à luz da doutrina abraçada por convicção;

b) deixou-se envaidecer pelas conquistas no campo religioso e considerava inferiores e tolos os seus companheiros de trabalho profissional. Perdeu a oportunidade de encaminhá-los pela senda do progresso espiritual;

c) rompeu, inadvertidamente, um compromisso selado na espiritualidade, antes de renascer. Em consequência, deixou Isaura, que você transviara em anteriores encarnações, à mercê de paixões impuras, não tendo assim recebido como filhos três espíritos endividados com a justiça divina, cúmplices seus em crimes

cometidos em vidas pregressas. Perdeu a oportunidade de conduzi-los à regeneração.

– Meu Deus! Quantos desatinos cometi! Que fazer para me remir?

Transparecendo sua imensa sabedoria, Clarício retomou a palavra:

– Enxugue o pranto, não se desespere, Celso, infinita é a misericórdia de Jesus. Mesmo entre tropeços, você realizou uma inestimável obra de amor em favor de muitos. Reconhecidos são os seus méritos; receberá por isso, como prêmio, uma passagem de IDA e VOLTA ao País da Luz, irá conhecer um mundo de paz como você tanto deseja, irá haurir novas energias e, ao retornar, será preparado para nova reencarnação de reajustes e de corrigendas.

OPORTUNIDADE DO RECOMEÇO

Aninha, na exuberância dos seus dezessete anos, enfeitava o bairro pobre onde morava. Esbelta, sedutora, era dotada de todos os atrativos femininos: formas perfeitas, tez clara e macia; cabelos loiros e ondulados, olhos verdes e luminosos, dentes alvos, lábios rubros e sensuais.

Aninha, a beleza em pessoa, fazia palpitar descompassadamente os corações dos seus jovens vizinhos sonhadores e apaixonados. Aos mais atirados que lhe vinham propor casamento e eterna fidelidade, respondia com negativas frias e desdenhosas. Todos pobres, muito pobres, tanto quanto ela, jamais poderiam oferecer-lhe uma vida opulenta como sempre ambicionou e pensava merecer.

Dona Lúcia, sua mãe, viúva há muitos anos, portadora de pertinaz enfermidade, tinha na bela moça o arrimo indispensável para os difíceis dias de sua vida.

Malgrado o sofrimento que experimentava, a valorosa senhora, apoiada na fé, jamais negligenciou a vigilância e a oração, ministrando dedicadamente à filha lições do Evangelho de Jesus, dando-lhe, sobretudo, o exemplo de uma vida digna. Em ardentes preces, pedia ao Senhor a paz, a luz, o amor e o equilíbrio espiritual, emocional e mental para a sua jovem.

Aninha, porém, sonhava e deixava-se empolgar pelos enganosos encantos e prazeres do mundo, descurando-se da conduta moral e cristã, pacientemente ensinada por sua genitora.

Passados seis longos anos de atrozes padecimentos, vitimada pela tuberculose que minara sua resistência física, dona Lúcia regressou à Pátria Maior, levando em seu espírito as preocupações de mãe zelosa. No desabrolhar da juventude, ficava Aninha só, no uso do seu livre-arbítrio, com a opção de poder alçar voos mais ousados no espaçoso campo da imprevidência.

Alguns dias depois do desencarne de dona Lúcia, a pretexto de proteger a órfã, Inácio, gerente do importante magazine onde Aninha trabalhava, pessoa de conduta duvidosa, chamou-a para uma conversa e, com entonação melíflua na voz, começou seu discurso de homem hábil na arte de seduzir:

– Aninha, minha filha, sinto muito a perda irreparável que você sofreu. Sua dor é imensa, eu sei. Você ficou só no mundo, precisando de alguém que a assista, ampare, oriente. Jovem e bonita como é, está sujeita a toda a sorte de perigos. Quero, por tudo isso, ser o seu conselheiro, seu amigo, seu confidente.

– Seu Inácio, fico feliz em poder contar com o senhor como amigo. Mas que perigos? Como agir para me pôr a salvo desses riscos que realmente desconheço?

– Aninha, Aninha, essa cabecinha loira, esses olhinhos verdes, narizinho arrebitado, sorriso brejeiro, corpinho de boneca em mulher já feita, deslumbram, apaixonam, levam à loucura qualquer homem.

Aninha, antes desconfiada e arredia, incitada em sua vaidade, deixando-se embair pelos capciosos elogios do astuto sedutor, voltou a indagar:

– Qual o pecado de ser bonita e o que fazer?

– Aninha, primeiramente recomendo que deixe aquele bairro pobre, sujo, indesejável, cheio de mulheres invejosas e infestado de homens mal-intencionados. Mude-se já para um apartamento melhor em bairro chique, onde você pode e merece brilhar.

– Senhor Inácio, sou pobre, como reunir recursos para me instalar e morar em ambiente fino como sempre desejei?

– Ora, ora, minha queridinha, o problema pode ser contornado. Você terá uma promoção, vai ocupar um cargo de chefia com o salário quadruplicado. Eu mesmo, sem segundas intenções, só mesmo pelo desejo de ajudá-la, vou procurar o apartamento certo, cuidar do necessário para você poder habitá-lo. Sempre que possível, irei visitá-la; você não estará só.

Completava-se o envolvimento da presunçosa e invigilante moça com o galante e inescrupuloso conquistador.

Trinta dias após a reservada prosa entre a humilde funcionária e o todo poderoso chefe, Aninha instalava-se em confortável moradia, ricamente decorada, sem que pudesse imaginar em toda a sua extensão o custo da alta mordomia.

Nas duas semanas que se seguiram, Aninha foi regularmente visitada por seu “zeloso protetor” e, antes que se passasse mais um mês, a jovem perdia a castidade.

Os anos se passaram. Aos trinta e quatro anos, Aninha conhecera vários “donos”, sofrera traumatizantes humilhações, não mais ostentava aquele viço encantador da mocidade. Destacavam-se em seu rosto as primeiras

rugas causadas pelas decepções, pelos desencantos, pelo arrependimento.

Sofrida pelas desilusões colhidas ao longo dos anos vividos em desmazelo moral, reportou-se aos tempos idos, pensou saudosamente na mãe, nas esquecidas orações daquela época de felicidade, e, entre escaldantes lágrimas e sentidas preces, adormeceu.

Sonhou com o maior e verdadeiro amor de sua vida – SUA MÃE. Dona Lúcia, aureolada por argêntea luz, trazendo nos lábios um sorriso acolhedor e um olhar de profunda compreensão, dizia-lhe emocionada:

– Filha querida, assisti à sua queda, acompanhei o desenrolar dos seus sofrimentos, previ os dias futuros de muitas tristezas e abandono. Pedi, por isso, ao Mestre Jesus que me concedesse a dita de voltar ao mundo, na condição de filha sua, para ser o amparo da sua velhice desvalida. Aceite-me, filha amada, pretendo dar-lhe a mesma amorosa assistência que você me dispensou nos tempos da minha expiação terrena.

– Mãe, não posso, não devo admitir tão grande sacrifício, preciso responder sozinha por meus atos de desvario.

– Aceite, minha filha, por Deus eu peço, dê-me nova oportunidade de poder guiá-la na busca do caminho de Damasco.

– Tentarei, tentarei... Só Deus sabe se terei a coragem de enfrentar esse desafio.

Aninha despertou guardando alguma reminiscência daquele encontro ocorrido na espiritualidade. Não sabia precisamente o quê, como e quando, mas esperava receber uma prenda.

– Decorridos dois anos, a surpresa inesperada. O médico confirmava: gestante de três meses.

– Aninha relutou em aceitar. Considerava-se velha para ser mãe, a gravidez seria de risco para ela e para o bebê. Exigiu do médico o aborto imediato. Não atendida em sua pretensão, procurou uma enfermeira leiga, “fazedora” de anjos. Precisava libertar-se do estorvo de uma gravidez indesejável.

O resultado foi funesto. Aninha matou o feto e morreu em consequência de hemorragia uterina. Seu espírito atribulado precipitou-se em sombrio umbral e, por anos a fio, experimentou as agonias dos seus últimos momentos na vida física. Ouviu, amedrontada, remoques e lancinantes gritos acusando-a de assassinato e suicídio. Escoado o tempo que lhe faltara viver no mundo, a pobre Aninha, empapada de sangue que lhe escorria das entranhas, emporcalhada da lama pútrida a que se arrojara em desespero na vala da dor, pôde erguer-se e, a passos vacilantes, seguir ao encontro de rutilante luz que seus baços olhos divisavam a pequena distância.

Aninha mal podia acreditar no que via. Dentro daquela luminosidade azul celeste, destacava-se a figura angelical de dona Lúcia, de braços abertos, falando com ternura à rebelde filha:

– Venha, filha do meu coração, abrace-me, acomode-se em meu regaço e descanse. Lutas homéricas a aguardam no futuro. Deus, porém, em sua infinita misericórdia, atendeu aos meus pedidos, concedendo-lhe moratória até que você se recupere em colônia espiritual próxima da crosta, especializada no socorro de espíritos endividados pela prática do aborto e de outros delitos

peculiares aos que estagiam em corpos femininos. Quando estiver retemperada, reencarnará para novas experiências e provas. Não desanime, estarei sempre ao seu lado, velando e orando por você.

– Mãe, e o Inácio, que tanto contribuiu para a minha desgraça? Fui ludibriada, usada, desprezada.

– Maiores são os seus débitos, e, por isso mesmo, sofre mais, é um grande necessitado de amor e de perdão. Prepare-se para, na próxima encarnação, recebê-lo em seus braços, na qualidade de filho carente de assistência e orientação.

Findo o diálogo, mãe e filha fundiram-se num amplexo de intenso amor e voaram juntas rumo à colônia espiritual onde Aninha reiniciaria sua marcha em busca da redenção, visto que o Pai, em sua infinita justiça e bondade, sempre nos concede a OPORTUNIDADE DO RECOMEÇO.

O APRENDIZ DESATENTO

Alberto, indivíduo da classe média, culto, educação social esmerada, sem convicção e instrução religiosas, logo cedo constituiu família.

Casado, pouco mudou seus hábitos de solteiro, continuando a envolver-se em aventuras amorosas fora do lar.

Gentil, palavra fácil e prosa agradável, Alberto era astuto conquistador, tendo especial predileção por mulheres separadas dos maridos.

Quando a neve do tempo começava a salpicar-lhe os cabelos, já então cinquentão, conheceu a Doutrina Espírita. Houve, inicialmente, o deslumbramento ante a nova realidade descoberta; a cada livro compulsado, uma nova e agradável surpresa; a cada palestra ouvida, uma nova lição de vida; a cada reunião a que assistia, novo motivo para tornar-se um Homem Novo, sem vícios, sem máculas.

Mas reformar-se interiormente não é fácil, demanda tempo e exige ingentes esforços. Com o passar dos meses, Alberto dava mostras de esmorecimento da fé, começava a relaxar em seus compromissos assumidos com tanto entusiasmo, até afastar-se definitivamente das lides no Centro Espírita que o acolhera fraternalmente.

Gilda, doze anos mais moça e há cinco anos divorciada, por acaso e repentinamente, apareceu na vida de Alberto, conduzida por Célia, sua conhecida desde os tempos da mocidade.

Introvertida, carente de afeto, desprezada pelo marido, Gilda afeiçãoou-se àquele homem de fino trato que lhe parecera dotado de nobres sentimentos, a ponto de segredar-lhe problemas íntimos e de confessar seu desejo e esperança de um dia ser amada novamente.

No entender de Alberto, o caminho de acesso a mais uma conquista estava franqueado; seduzir Gilda era questão de tempo e de lábia e ele, perito em tramar ciladas, contaria com a cumplicidade de Célia.

Fingindo-se confiante, optou por mostrar-se sacrificado no âmbito doméstico, pintando com cores fortes o desajuste conjugal provocado pela incompreensão e frieza de sua esposa.

O bote estava armado através da palavra articulada. O golpe decisivo viria por meio da palavra escrita. Com dissimulação e sagacidade, usando Célia como estafeta, enviou a seguinte mensagem:

"Carta a uma mulher solitária

Voltei da festa aos trinta e cinco minutos do novo dia.

À uma hora e quarenta e cinco minutos, não havia conciliado o sono. Junto a mim, dormindo, minha mulher, bonita, amiga, excelente dona de casa, porém indiferente, alheia às minhas necessidades e reclamos de homem normal.

Pensei em você. Como estaria naquela hora? Dormindo ou ainda insone como eu? Presa também aos mesmos desejos insatisfeitos?

Levado nas asas do pensamento, procurei-a na madrugada fria. Encontrei-a só, em sua alcova, há muito tempo esquecida, desprezada. Saudei-a respeito-

samente, osculei sua fronte. Falei das minhas frustrações, sussurrei aos seus ouvidos a história dos meus desejos não correspondidos, não concretizados. Você, mulher preterida nos seus anelos femininos, carente de afeto e carinho, que sente vibrar em si a vontade de ser amada, mas que repele o sentimento por timidez, indecisão, receio ou insegurança, ouviu-me confessar a minha ânsia de compartilhar o meu afeto com pessoa que me inspire amizade e confiança. Na despedida, não resisti; beijei-a nos lábios, demoradamente. Foram segundos de intensa emoção, momentos em que estive no paraíso. Peço perdão se a desapontei, se a constrangi; no entanto, não me arrependo. Foi bom, gostaria de repetir e, se possível, ao vivo... Despertei finalmente do meu devaneio, mas ficou a esperança de tornarmos em realidade esse belo sonho. Ainda ouvi as três badaladas da madrugada. Ao longe, um galo saudava o dia prestes a clarear. Adormeci vencido pelo cansaço da incomum e prolongada vigília; contudo, acordei logo cedo, alegre, refeito, esperançoso. Alberto”.

Passaram-se cinco dias de cruciante expectativa. Gilda não apareceu, não respondeu, o que levou Alberto a monologar: “A pombinha ficou assustada. É preciso pô-la no alçapão antes que levante voo e desapareça para sempre. Outra carta será o tiro de misericórdia”.

Sem perda de tempo, valendo-se de Célia, Alberto despachou a segunda mensagem, vertida em termos menos incisivos:

"Outra vez.

Outra vez, na quarta-feira, fui a uma festa de confraternização. Outra vez, revi amigos, conversei amenidades, beberiquei, belisquei doces e salgadinhos, ouvi músicas saudosas que me fizeram reviver o passado, que fizeram aflorar desejos não saciados, que me deixaram excitado.

Outra vez, voltei para casa, após a meia-noite e outra vez, ao lado da minha mulher, senti-me só, não correspondido em minhas aspirações masculinas.

Outra vez, pensei em você. Tive ímpetos de, em pensamento, procurá-la de novo. Evitei a tentação, não quis importuná-la, não quis invadir sua privacidade, ainda mais porque não sabia a sua reação a respeito da minha primeira missiva.

Na luta entre o impulso de ir e o cuidado de não ser impertinente, acho que dormi. Minha alma vagou pela imensidade do espaço ruminando uma dolorosa insatisfação até que parei num lugar deserto e sombrio.

Estava entregue a devaneios e sonhos quando senti a presença de alguém tocando de leve em meu ombro. Era você. Em tom meigo e fraterno, dizia:

– Coragem, amigo, vim para aliviar suas tensões. De pronto, não posso atender aos seus anseios de amor. Quem sabe depois? Paciência, realmente sou tímida, estou indecisa e, por isso, também sofro. Creia, porém, que a 'Carta a uma Mulher Solitária' mexeu com a minha estrutura.

Acordei confuso, sobressaltado. Através da janela do quarto, podia ver o céu clareando, para logo se tingir de púrpura, em belíssimo amanhecer.

Não consegui dormir de novo. Restou, entretanto, uma imensa saudade do abraço que não foi dado, do beijo que não recebi, do amor não retribuído.

Alberto”

No dia seguinte, o rosto de Alberto iluminava-se com um sorriso triunfal. Célia passava-lhe às mãos um envelope onde se lia grafado com letra feminina: Sr. Alberto.

O texto era curto, claro, objetivo:

“Outra vez, sofri uma grande decepção na vida.

Outra vez, equivoquei-me julgando-o um homem íntegro.

Agora, porém, que o Sr. deixou cair a máscara de homem probo, entendo que é o seu mau caráter a causa da aversão de sua esposa ao relacionamento íntimo.

Existem casas especializadas para atendimento das fantasias amorosas de homens de sua qualidade moral. Leia nos ‘Classificados’, não é a mim que deve procurar. Esqueça-me.

Gilda”.

Alberto empalideceu, rasgou a carta que o desnudava ante os próprios olhos e resolveu refletir sobre as verdades que lhe foram atiradas à face. No trajeto de volta para casa, perguntava-se: que fiz? que sou?

Abatido, recolheu-se cedo ao leito e, entre lágrimas furtivas, pensava: esqueci Deus, esqueci os propósitos

de autoaperfeiçoamento e de novo enveredei pelos sombrios caminhos da irresponsabilidade. Socorre-me, meu pai, estou desatinado.

Em sonho, Alberto reencontrou-se com o pai que perdera na adolescência, mas a quem nunca deixara de amar com profunda admiração. Embevecido, ouvia-lhe respeitosamente as observações:

"Você, filho, assemelha-se à semente que o semeador deixou cair entre os espinheiros, e os espinhos cresceram e sufocaram-na, ou seja, conheceu a palavra divina, mas as seduções do mundo falaram mais alto. Filho, você enterrou os talentos oferecidos pelo Senhor, não os fez render conforme a expectativa do doador. Foi um mau servidor da Seara. Como muito será pedido a quem muito recebeu, você prestará amargas contas desse seu procedimento equivocado de servo negligente. Volte à Vinha do Senhor, trabalhe com eficiência, produza bons frutos, sirva em favor do bem comum, sintonize o pensamento em faixa vibratória superior e não torne a tropeçar.

Quando se sentir atormentado, sobrecarregado de dúvidas e de apreensões, lembre-se do chamamento de Jesus: 'Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve'. Estarei sempre com você. Confie".

Alberto sentiu-se envolvido por um halo de paz. Do sonho que tivera com seu pai, retinha na memória física apenas fragmentos do ocorrido.

Lembrava-se, entretanto, de haver sonhado que, quando garoto, no sítio do avô, experimentara uma fruta de excelente sabor. Quis perpetuar aquela espécie maravilhosa. Mas a tarefa exigia tempo e esforço. Por preguiça e imprevidência, deixara de preparar a terra convenientemente, relegando ao abandono a preciosa semente.

Agora, com certo desalento, considerava-se aquela semente apodrecida, abafada pelos espinhos de sua inconsequência e torpeza de caráter.

Procurou Célia e pediu que transmitisse à Gilda o recado dado com toda a humildade:

"Não guardo ressentimento pelas duras palavras a mim dirigidas, ao contrário sou-lhe grato por haver-me aberto os olhos. Estava resvalando pelo perigoso declive da insensatez que, em breve, me precipitaria no abismo. Em tempo, fui salvo pela franqueza de uma valorosa mulher".

Alberto procurou reiniciar o aprendizado, tornando à Casa Espírita da qual jamais deveria ter-se afastado.

Deus sempre nos dá uma nova oportunidade de reabilitação. Cabe aos que se julgam ofendidos agir com boa vontade, tolerância e compreensão, relevando faltas, desculpando erros alheios, perdoando ultrajes sofridos. Aos que reconhecem as próprias faltas, coragem para combatê-las e aniquilá-las em nome de Deus.

FELIZ ANO NOVO

Na singela sala de estar da residência de uma família da classe média, Aurora, a zelosa dona da casa, por meses a fio, entretinha diálogos bem-humorados na tentativa de levantar o ânimo abatido de José, seu marido, e, entre sentidas preces, suplicava ao companheiro o perdão para seu ofensor, lembrando-lhe o sublime exemplo do Gólgota quando Jesus, no auge do martírio, perdoou incondicionalmente aos seus verdugos.

Invariavelmente, Aurora ouvia a resposta:

– Conheço *A História Sagrada*, porém não tenho propensão para ser Jesus Cristo. Ele era santo, eu sou pecador. Não posso fazer o que Ele fez.

Sem esmorecer, Aurora replicava:

– Sem dúvida. Pecadores somos todos nós. Ainda estamos muito longe da virtude, entretanto urge procurarmos o aperfeiçoamento espiritual, o que conseguiremos à custa de ingentes esforços. Jesus nos acena com a bandeira da esperança, na qual se lê: “Eu sou o CAMINHO, a VERDADE e a VIDA. Ninguém vai ao Pai senão por mim”.

Pacientemente, a bondosa senhora insistia:

– Vamos juntos palmilhar o Caminho do Senhor, buscar a Verdade, viver em comunhão com o Cristo Bendito de Deus.

– Sim, minha querida, tudo é muito bonito, mas não é fácil. Talvez, num amanhã distante, eu siga de mãos dadas com você por esse Caminho de renúncia, abrace a

Verdade do amor e viva com intensidade o perdão sem limite.

Aos cinquenta e três anos de idade, José aparentava ter mais de setenta. Era um homem sofrido, triste, inconformado. A dor pela perda prematura do único e adorado filho de vinte e cinco anos causara-lhe um profundo ressentimento, era um peso descomunal a esmagar-lhe o peito.

Aurora, alma generosa, sustentada pela fé, guardava resignada no coração uma imensa saudade. Orava todos os dias, pedindo a Jesus pelo espírito do seu filho Mário, por Pedro – o infeliz algoz – e por seu esposo, que abrigava na mente enfermiça um indisfarçável desejo de vingança.

Incansável em sua tarefa para abrandar o coração endurecido do companheiro, comentava:

– Preencha seu tempo disponível com leituras edificantes. O bom livro é o amigo fiel de todas as horas. Conforta, retempera as energias, orienta. Hoje, lendo a crônica "Perdão e Humildade", de Bezerra de Menezes, destaquei alguns trechos. Ouça:

"Quem perdoa ganha asas para alcandorar-se às altiplanuras".

"Somente através do perdão real e sincero, obteremos o perdão de nossas culpas".

"Perdoar significa amar".

"Perdoar, sentindo-se humilde e pequenino, significa elevação".

"Jesus, conferindo o perdão aos seus algozes, ensinou à humanidade terrestre o famoso caminho para a ressurreição".

"Amar e perdoar, amar com humildade, perdoar com amor, eis as grandes candeias de luz divina ao nosso alcance para nossa sublimação".

"E, meu amigo, ninguém existe que não tenha necessidade de ser perdoado".

"Exercitemo-nos, pois, no perdão consciente e livre para sermos também perdoados pelo DIVINO AMOR".

– São conceitos belíssimos para um discurso teórico, contudo inatingíveis na prática. Diga-me, Aurora, onde encontrar a humildade para aceitar resignadamente a fatalidade que nos atingiu? Mostre-me essa fonte de amor inesgotável capaz de redimir o pecador.

– Está aqui, José, ao nosso alcance; para tê-la, bastam "olhos de ver e ouvidos de ouvir". Ver sua água cristalina a jorrar abundantemente, ouvir seu suave cascatear convidando-nos a beber. É o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo a Fonte de Água Viva que dessedenta para sempre quem dela beber. Faça comigo o Culto do Evangelho no Lar e encontrará a cura para os seus sofrimentos. São apenas trinta minutos, uma vez por semana. Nada que possa entediá-lo.

José iniciou-se na leitura da literatura espírita, aderiu à prática do Culto do Evangelho no Lar, melhorou, progrediu.

Quinze anos se passaram.

Era o dia 31 de dezembro. Aurora e o esposo debruçavam-se sobre o Evangelho do Mestre, bebendo-

lhe os ensinamentos divinos, quando a campainha tocou repetidamente.

Quem os procuraria com tanta insistência? Um belo pressentimento alvoroça aqueles corações apaziguados e serenos.

Um homem de aproximadamente quarenta anos, alto, porte atlético, olhar sereno anunciou-se:

– Eu sou o Pedro, assassino de Mário, sou o réprobo arrependido que veio buscar o perdão dos pais da vítima. José permaneceu estático, mudo, incapaz de qualquer reação, tal foi sua surpresa.

– Pedro, estamos fazendo o Culto do Evangelho no Lar – disse Aurora, compreensiva – entre, você é nosso convidado. Por coincidência, o ponto em estudo é PERDÃO DAS OFENSAS.

– Sei, dona Aurora. É o item 14 do capítulo X do Evangelho segundo o Espiritismo. Acertei? Aceito o convite com prazer.

Concluído o estudo da noite, Aurora releu a mesma crônica de Bezerra de Menezes vista quinze anos antes, dando ênfase aos trechos mais significativos, como:

"O perdão não é feito apenas com palavras".

"Manter a mente livre de quaisquer pensamentos de vingança ou raiva é identificar-se com os planos elevados da criação".

"Perdoar sempre é crescer constantemente".

"O homem terá sempre ensejo de perdoar".

"Incentivemos em nós, com ardor, o estudo a prática do perdão".

Após a prece de encerramento do estudo, José abraçou o ex-presidiário e disse-lhe com a voz embargada:

– Pedro, você tem o meu perdão em nome de Jesus. Conta-nos agora o que houve naquela noite fatídica.

– Disputávamos o amor da mesma mulher. Entramos em luta corporal. Sentindo-se em desvantagem, Mário sacou o revólver. Mais forte e mais ágil, arborei-lhe a arma das mãos deixando meu oponente prostrado, indefeso. Dominado pela ira, descarreguei no peito de Mário a arma antes apontada para mim, sem dar ouvidos ao seu desesperado pedido de clemência. Horrorizada com a brutalidade da cena, Nair lançou-me ao rosto a sentença mais humilhante do que a pena de reclusão: se não posso casar com um cadáver, tão pouco desposarei um criminoso. Os primeiros anos de reclusão foram de dor e de revolta. Nair casara-se com um terceiro pretendente a quem passei a odiar mesmo sem conhecê-lo, até quando um visitante desconhecido deixou em minhas mãos o Livro dos Espíritos e O Evangelho segundo o Espiritismo. Foi o meu encontro com a Estrada de Damasco. Recentemente, soube que o benfeitor desconhecido é o marido de Nair, o meu amor impossível. Quando reunir forças para recalcar definitivamente meus secretos sentimentos, irei procurá-los também.

Nas proximidades, espocaram foguetes, gritos de Feliz Ano Novo ecoaram na vizinhança. Na casa de José e Aurora, porém, havia um respeitoso silêncio; três almas unidas por um abraço fraternal, em oração, agradeciam a Deus a oportunidade do FELIZ ANO NOVO com o PERDÃO incondicional e a RECONCILIAÇÃO sem mágoas. No plano espiritual, Mário rejubilava-se com o ponto final

que ora era dado ao drama passional que se havia repetido por séculos incontáveis.

VÍTIMAS DE UM CAPRICHOS

Acordei cedo, muito antes da hora costumeira. Da minha janela, contemplava as estrelas que irradiavam um brilho esmaecido pela aurora que, célere, se avizinhava tingindo de púrpura o horizonte.

Como que hipnotizado pela majestosa visão do amanhecer, meu pensamento retrocedeu a um passado distante, de risonhas e de amargas recordações. Lembrei-me da infância solta e até certo ponto feliz. E repassei a adolescência de forma tão viva que me pareceu, a certa altura, ter novamente Mimi em meus braços.

Mimi fora a grande paixão de minha juventude. Conheci-a aos quatorze anos, linda, meiga, um botão de rosa desabrochando para a vida.

Começamos um namoro irrequieto com amuos frequentes por qualquer banalidade e com retornos cheios de ternura.

Um dia, porém, Mimi fez desabar sobre meus sonhos os quiméricos castelos construídos por minha alma romântica ao passar por mim de mãos dadas com um outro rapaz.

Minha revolta não teve limites. Senti-me apunhalado, traído, atingido no meu amor-próprio.

Dissimulado, cumprimentei-a sem aparentar a menor reação. Fiz questão de que ela não percebesse a decepção que me aturdiu e o ciúme que me corroeu por dentro – minha primeira vingança.

Dias depois, estava Mimi com seu sorriso maroto a olhar-me como a dizer: "Estou aqui de volta, esperando-o". Simulei não entender, simplesmente ignorei-a. Tive a intenção de fazê-la sentir-se rejeitada – minha segunda vingança.

Alba, uma amiga comum, que sempre aprovou nosso namoro e que jurava, então, manifestar-se por conta própria, quis convencer-me a esquecer o incidente e reconsiderar o relacionamento interrompido. Mas eu, ferido em meu orgulho, repliquei: "Não sou homem para este tipo de arranjos". Pus um tom de decisão sumária sabendo que tudo o que eu dissesse seria reportado à Mimi – minha terceira vingança.

A verdade é que Mimi exercia um grande fascínio sobre mim. Temendo baquear ante nova investida, passei a evitá-la deixando de aparecer nos lugares que costumávamos frequentar. E, assim que tive condição, deixei a cidade para tentar a vida noutra lugar, longe daquelas recordações. Agora estava ali, numa janela de pensão, já quarentão e só.

Despertei afinal do constrangimento causado por aquela retrospectiva sentimental e retornei à minha realidade.

Já não havia arrebol, o sol ia alto, inundando de luz meu ambiente. Um profundo sentimento de tristeza e frustração invadiu meu ser voluntariamente condenado à solidão e ao desamor.

Tomei, então, uma decisão. Pediria transferência para a sede da empresa onde trabalhava. Voltaria para a minha cidade de origem com o propósito de continuar a ignorar Mimi.

No novo local de trabalho, conheci o colega Jorge, um moço falastrão, gozador, que dava conta de tudo e da vida de cada um a seu redor. Por ele fiquei sabendo que a empresa era dirigida com mão de ferro pela presidenta, uma senhora austera e autoritária que impunha aos funcionários uma disciplina sufocante. Seu marido, muito mais velho, era o superintendente e, vez por outra, tentava pôr os funcionários a salvo dos rigores e do azedume da "Margareth Thatcher brasileira", como jocosamente Jorge a designava.

Na semana seguinte, Jorge alertou-me:

– A "Dama de Ferro" está chegando de viagem. Vai querer conhecer os novatos. Cuidado quando for chamado, limite-se a responder às suas perguntas. Qualquer hesitação será fatal.

Ao final da tarde, acompanhados pelo gerente, eu e mais dois novos funcionários, entrávamos no gabinete da presidência. Em pé, na suntuosa sala, aguardava-nos a temida executiva.

Findas as apresentações, ordenou secamente:

– Podem retirar-se, com exceção do Sr. Rúbio.

Em face do inusitado, lá fora temeram por mim. O que iria acontecer era a preocupação de todos.

A realidade, porém, foi outra. A empertigada presidenta perdeu o porte altivo, o jeito distante. Seu olhar abrandou-se e seu rosto, agora descontraído, transpareceu uma infinita melancolia. Sentou-se numa ampla poltrona, deixou escapar um ligeiro gesto de desalento e falou com emoção:

– Rúbio, que faz aqui? Mais uma tentativa de vingança? Ainda pensa em punir-me?

Quase sem poder articular as palavras, respondi angustiado:

– Não, d. Minalba, não é bem assim, creia-me, por favor. Há dezoito anos, sou funcionário desta empresa, recentemente transferido da filial número três. Aliás, para ser mais exato, fui funcionário até o presente momento. Vou apresentar meu pedido de demissão assim que deixar esta sala, com sua licença.

– Não saia, eu peço, não me submeta a mais este constrangimento. Pense pelo menos em você próprio. Na sua idade, não é fácil conseguir outro emprego. Atenda-me.

– Ainda sob o efeito da surpresa daquele encontro inesperado, consegui balbuciar:

– Prometo pensar, obrigado.

Nossos olhares fundiram-se em silêncio prolongado, revelador.

Duas semanas depois, Marcelo, filho único de Mimi, assumia a superintendência da empresa em substituição ao Sr. Sérgio, que fora vitimado por um enfarte fulminante.

Em pouco tempo, as diferenças para melhor fizeram-se notar. Mimi afrouxara as rédeas deixando aos poucos o comando do complexo econômico com o filho, jovem dinâmico, com grande senso de justiça e conduta cristã. Não tardou, fui chamado ao gabinete. Sem rodeios, disse-me Marcelo:

– Sr. Rúbio, a consideração que lhe dedico é de certo modo especial.

– Sr. Marcelo, sinto-me lisonjeado, mas gostaria de saber por que estou sendo alvo de tal distinção.

– Tenho respeito e afeto pelo homem que poderia ser meu pai.

Fiquei perplexo, incapaz de articular uma palavra.

Marcelo prosseguiu:

– Depois de viúva, minha mãe fez-me um sem-número de confidências: contou-me o que o senhor significou para ela no passado e como se deu o reencontro recentemente. Afirmou também que estava decidida a esquecer as mágoas e pediu-me que lhe desse oportunidades de crescimento dentro da empresa.

Foi muito difícil para mim conter a emoção ao ouvir Marcelo discorrer sobre situações que eu não conhecia.

Por fim, ele me exprobrou:

– A sua responsabilidade perante o Supremo Juiz não é pequena. A jovem alegre e meiga, atingida pelo seu desprezo, tornou-se uma mulher ríspida, calculista, como a culpar as pessoas com quem lidava por seus dissabores. Muito fez sofrer meu pai, com quem casou por conveniência e interesses materiais.

– Compreendo, Sr. Marcelo. Julguei-me vítima, fui verdugo; fiz da vida de Mimi um triste vazio, transformei a minha num doloroso castigo. Terei possibilidade de redenção?

– Sim, sem dúvida. As encarnações aqui, na Terra, são múltiplas. Decerto, vocês já conviveram em existências anteriores. Novas reencarnações ser-lhe-ão permitidas até que aprendam a exercer o perdão, com sinceridade, reconciliem-se definitivamente e conheçam o amor puro e desinteressado!

– Que fazer, meu filho, ajude-me!

– Leve isto, é seu. Leia-o todo, releia-o sempre. É o Evangelho segundo o Espiritismo. Seja ele o seu livro de cabeceira; é o livro da vida, é um código de ética, um manual de costumes.

Aceitei o livro e as advertências. Dei curso à árdua tarefa de reforma íntima e, com o passar do tempo, integrei-me à Doutrina Espírita.

Doze anos depois de minha volta à terra natal, colegas de trabalho ofereciam-me uma singela homenagem de despedida.

Para surpresa geral, Mimi aproximou-se, abraçou-me e, sem a altivez que lhe era peculiar, disse:

– Hoje é dia de alegria: o funcionário Rúbio recebe o justo prêmio pelos trinta anos de trabalho – a aposentadoria – e deixa aos mais novos o exemplo de dignidade e extrema dedicação. Paradoxalmente, é dia de tristeza: o amigo, a querida figura humana, deixa uma lacuna em nossa empresa e uma grande saudade em nossos corações. Rúbio, não nos esqueça. Deus o abençoe.

Jorge, o incorrigível, brincalhão, maliciosamente sorridente, cochichou ao meu ouvido!

– Você, malandro velho, sempre negou, mas nunca me enganou. Há “coisas escondidas” no passado de vocês dois. Confesse, você já conhecia a ex-Dama de Ferro antes de vir para cá, hem? Aquela entrevista a sós, de mais de uma hora, no dia da apresentação!...

Aposentado, dediquei-me por inteiro à causa espírita. Hoje, sou um homem renovado.

Mimi aderiu ao grupo de trabalhos cristãos e, embora fisicamente separados, nossas almas, alimentadas por

um amor que o sofrimento consolidou, fundiram-se no mesmo ideal de servir.

ZÉ MORFEIA

Marcelo não era mais aquele jovem revoltado com as adversidades que lhe marcaram a vida, mas trazia ainda no coração uma imensa tristeza.

Naquele fim de tarde, sentado na areia umedecida pela maré que baixava, pés banhados pela água morna do mar, pensamento mergulhado no passado, recordava sua inditosa existência.

Era o filho que destoava da família. Franzino, moreno, de minguada aptidão intelectual, um triste contraste com os pais e os irmãos, robustos, alvos, inteligentes.

Com marcante dificuldade, somente aos dezenove anos de idade, conseguiu concluir o curso ginásial. A essa idade, a irmã destacava-se como acadêmica de Medicina e o irmão, brilhante estudante da Faculdade de Direito, para exaltação do orgulho dos pais.

Na adolescência, aparecera-lhe na perna uma mancha escura que, com o passar do tempo, multiplicou-se pelo corpo, razão por que ganhara dos colegas o apelido de Zé Morfeia.

Discriminado pelos pais, só muito mais tarde, por interferência de um tio, foi encaminhado ao hospital para exames clínicos e laboratoriais. Para desespero e vergonha da família, confirmara-se o diagnóstico de hanseníase.

Fora-lhe doloroso saber, estava leproso. De rejeitado pelos próprios familiares passara à condição de condenado e repudiado pela sociedade preconceituosa: restara-lhe o isolamento.

Por imposição dos familiares, fora excluído do convívio social, abandonado pelos seus, esquecido pelos amigos. Havia quinze anos habitava sozinho um casebre no sítio de propriedade dos pais, localizado numa praia deserta muito longe da cidade.

Com expressa recomendação de não se aproximar dele, por ser portador de enfermidade contagiosa, Josias, um velho empregado do sítio, periodicamente levava-lhe mantimento e roupas. Era a única voz humana que ouvia de quando em vez, de uma distância de pelo menos cem metros.

Lembrava-se, amargurado, de sua indignação nos seis primeiros meses de segregação. Nenhuma carta ou recado de conforto, nenhum gesto ou palavra de solidariedade, total indiferença daqueles que tanto admirou e amou. Quase chegou a odiar os seus parentes.

Certa vez, no auge do desalento, pedira a Josias que dissesse aos seus pais que lhe mandassem jornais, revistas, livros de qualquer natureza para tornar menos monótonos os dias de sua angustiante solidão.

As leituras fizeram-lhe muito bem, com ênfase especial para o que lhe enviava o Armando, colega do tempo de escola.

Eram textos que falavam de paz, amor, perdão, resignação, evolução espiritual por meio de vidas sucessivas, num processo de depuração da alma falida e endividada em passadas existências, tudo fundamentado em lógica inquestionável e apoiado no ensinamento evangélico de que a cada um é dado conforme o seu merecimento.

Em pouco tempo, havia lido as obras de Kardec e outras centenas de publicações da vasta literatura espírita, passando a aceitar a doutrina reencarnacionista como manifestação da justiça e da misericórdia divinas. Sabia-se um grande devedor que se comprometera a pagar ceitil por ceitil a enormidade de débitos contraídos em pretérito escabroso e, em consequência, trazia no peito um coração apaziguado, sem mágoas, aberto para o entendimento fraterno em qualquer circunstância.

O lusco-fusco começava a envolver o horizonte de sombras, quando uma formosa senhora, aparentando uns cinquenta anos, achegando-se, disse:

– Filho, é hora de recolher-se. Ajudo-o a levantar-se.

– Não! Não se aproxime. Não vê minhas chagas? Sou morfético, posso contagiá-la. Não quero transmitir minha doença para ninguém. Por Deus, afaste-se! – replicou Marcelo, um tanto assustado.

– Não temo o contágio, acredite. Desejo fazer-lhe companhia, conversar...

– Mesmo sendo eu um leproso? Como me descobriu, neste lugar ermo? Nunca ninguém se interessou por mim, admira-me seu desprendimento.

– Em minhas andanças matinais, tenho-o observado cismarento caminhando pela praia, sem sequer notar que eu o seguia a curta distância.

– Como assim, senhora? Andarei tão ensimesmado a ponto de não ver uma criatura que mais parece um anjo descido do céu? Que pretende dizer-me?

– Tenho um filho médico. O melhor dos médicos, atua em todas as especialidades, asseguro-lhe que não é exagerado entusiasmo de mãe coruja. Intercedi em seu

favor. Atendeu-me. Ontem à noite, veio visitá-lo; era tarde, você já dormia. Mesmo assim, examinou-o minuciosamente e concluiu que seu mal tem cura.

– Neste meu estado... é difícil acreditar!

– Meu filho mandou-lhe este remédio. É dose única. Tome antes de dormir e depois de orar, pedindo clemência a Deus, perdão para seus delitos. A cura será alcançada na proporção de sua fé. Amanhã nos veremos. O dia amanheceu radioso, o sol rendilhava o mar com reflexos prateados, a brisa suave balouçava o coqueiral em cadenciada coreografia, pássaros irrequietos completavam a beleza e a harmonia do ambiente com seus alegres trinados. Marcelo, na praia, elevava a Deus seu pensamento em prece de gratidão. Exultava, estava limpo, curado, nenhum vestígio da moléstia.

Ao avistar a nobre senhora sorridente estendendo-lhe os braços, Marcelo em pranto caiu-lhe aos pés, clamando:

– Senhora, Senhora, quero conhecer seu filho, quero saber o nome desse médico abençoado.

Estreitando-o nos braços, como faz a mais amorosa das mães, respondeu:

– Marcelo, meu filho se chama Jesus!

Algum tempo depois, submetido a uma intensa bateria de exames por competentes profissionais em hospitais especializados, foi considerado apto a reintegrar-se à família e à sociedade.

Milagre, argumentavam uns.

Engano, nunca sofreu desse mal, diziam outros.

Marcelo, porém, alheio às especulações, tornou-se atuante trabalhador da Seara de Jesus dando o melhor dos seus esforços no sentido de levar ajuda material,

conforto moral e socorro espiritual aos sofredores e necessitados. Destacou-se, também, como eloquente expositor do Evangelho apregoando que a saúde do corpo deve-se ao concomitante tratamento do espírito enfermo, que a eficácia do tratamento está na fé e na renovação interior e que a verdadeira fé aflora na alma de quem aprende a sofrer com resignação, sem queixas, sem mágoas, amando sempre, perdoadando incondicionalmente.

DOIS GRITOS

Em plena madrugada, liberta do corpo físico durante o sono, minha alma visitou uma região umbralina onde réprobos experimentavam tormentos inomináveis.

Minha atenção foi despertada por um grito de extrema agonia, como de alguém trespassado por lancinante dor. Presenciei, comovido, o diálogo de dois espíritos afins em situações diametralmente opostas:

– Socorro! Socorro! Alguém pode ajudar-me? Não me ergo, não ouço, não vejo, sinto, porém, a lama pútrida onde agonizo, sofro o padecimento dos vencidos, provo a angústia dos desesperados, convivo com o remorso de um arrependido de hediondos crimes perpetrados. Sempre desdenhei da existência de Deus e do diabo. Será isto o inferno? Onde, então, as labaredas? Vento glacial enregela-me, imobiliza-me. Se há Deus, imploro ajuda, por piedade!

– Anjo meu, filho querido do meu coração! Desperta deste torpor, ainda é tempo. Deus – justiça, bondade e perfeição – permitiu-me socorrer-te. Vem, abriga-te em meu peito.

– Quem me fala depois de tão longo isolamento? É possível alguém dedicar-se a mim, facínora pertinaz?

– Filho, sou eu, tua mãe. Venho resgatar-te da lama, suavizar teus sofrimentos, trazer-te a esperança, agasalhar-te no coração.

– Não! Não pode ser verdade. Será uma armadilha para punir-me ainda mais? Matei-a para roubar. Decerto, odeia-me, não me quer ver.

– Perdoei-te, filho, incondicionalmente e sempre ansiei por este encontro fraterno. Reconheço-me também culpada por tua derrocada.

– Culpada, por quê? Foste a vítima, o réu sou eu!

– Em nossa última existência terrestre, recebi-te no seio materno com o compromisso de recuperar teu Espírito acumpliciado comigo em crimes cometidos em vidas passadas. Falhei em minha missão de mãe, de educar-te convenientemente, de afastar-te das tentações do mundo. O excesso de mimos, a invigilância abriram a porta para teu retorno à delinquência. Fui vítima de minha própria negligência.

– Além de tudo, sou matricida! Estou irremediavelmente perdido, nada mais pode ser feito.

– Engano teu. Deus, infinitamente misericordioso, não quer a perdição de nenhuma criatura. Levar-te-ei a uma Colônia Espiritual de tratamento e preparação para reencarnação. Em breve, tornarei à Terra, novamente como mulher. Daqui a aproximadamente vinte e cinco anos, ter-te-ei outra vez em meus braços como filho dileto a quem me compete encaminhar pela rota do bem, do amor, do respeito.

– Se tudo isso é verdade, se voltarei à prova da carne, pede, mãe, ao Supremo Senhor, que eu reencarne deficiente físico. Preciso ter pernas e braços paralíticos. Sadio, temo falir novamente, pisar meus oponentes, empunhar armas, levantar o braço fratricida contra o próximo que devo amar.

Pude, pasmado, observar aquele Espírito infeliz, de aspecto horripilante, exalando miasma nauseabundo, ser aconchegado carinhosamente no regaço da simpática

senhora, verter uma catadupa de lágrimas e, em extremo desespero, lançar-se aos seus pés e soltar outro grito qual potente trovão ecoando no espaço sideral:

– Meu Deus! Sou um trãnsfuga da Lei! Salvai-me!

No mesmo instante, uma equipe espiritual de socorro entrou em ação, acomodou-o piedosamente em maca hospitalar e conduziu mãe e filho à Colônia onde será processado o adestramento para uma nova vida na Terra.

Despertei com o raiar de um novo dia como símbolo eloquente de esperança e renovação.

Emocionado, rememorei as palavras de Jesus contidas em Mateus, 18:11 a 14:

"Porque o Filho do homem veio salvar o que se tinha perdido."

"Que vos parece? Se algum homem tiver cem ovelhas e uma delas se desgarrar, não irá pelos montes, deixando as noventa e nove, em busca da que se desgarrou?"

"E, se porventura a achar, em verdade vos digo que maior prazer tem por aquela do que pelas noventa e nove que não se desgarraram."

"Assim, também, não é a vontade do Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca."

Mais do que nunca, compreendi que, onde há arrependimento, amor e perdão, aí está a salvação. Não foi à toa o ensinamento do Mestre:

"Não necessitam de médico os que estão sãos, mas, sim, os enfermos."

"Eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores ao arrependimento." (Lucas, 5:31 e 32.)

POSFÁCIO

É o livro de contos de um evangelizador espontâneo. Estrutura tecida no plano inconsciente, esperava a hora azada para revelar-se. Aos seguidos estímulos externos, surge o comunicador que se entrega, expõe-se, desafia-se e lança suas iluminadas ideias em forma de texto elaborado de maneira ora lúdica, livre, solta, ora sentenciosa, informativa, apontando irresistivelmente para os caminhos de Deus.

É a este evangelizador nato, meu irmão de sangue e de fé, que rendo meu preito de reconhecimento e incentivo. Que outros textos venham à luz, captados pela sensibilidade deste trabalhador que soube utilizar tão bem sua intuição e sua capacidade de luta.

Magaly Campelo de Magalhães

Rio de Janeiro, RJ